

adf

A F R I C A

D E F E N S E

F O R U M

SERVINDO A NAÇÃO

Consolidando as Relações Civis-Militares
Através da Supervisão, da
Responsabilização e da Ética

PLUS

Conversa com o Comandante do Exército da Zâmbia,
Tenente-General Dennis Sitali Alibuzwi

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

8 Os Cidadãos e a Constituição Devem Assumir a Liderança

O controlo civil das forças armadas continua a ser um modelo duradouro, apesar de golpes de Estado e obstáculos

14 'Somos a Última Defesa Desta Nação'

O Comandante do Exército da Zâmbia, Tenente-General Dennis Sitali Alibuzwi, fala sobre o compromisso do seu exército com a manutenção da paz e com o serviço

18 Uma Força Reformulada

Após anos de guerra civil e de reconstrução, as forças armadas da Libéria estão a deixar a sua marca na África Ocidental e não só

24 O Segundo Campo de Batalha

Enquanto a insurgência continua no norte de Moçambique, os soldados ganham terreno através de operações civis-militares

32 Um Novo Caminho para a Paz

A Fundação Principles for Peace oferece recursos e estratégias a países que tentam resolver conflitos

38 Manutenção da Paz que Coloca as Pessoas em Primeiro Lugar

Protestos dirigidos às forças de manutenção da paz da ONU descredibilizam as missões. Especialistas partilham formas de reconquistar o apoio das comunidades de acolhimento

44 Filhos do Desespero

À medida que os ataques militares e o sectarismo reduzem as suas fileiras, extremistas recorrem a crianças-soldado na Bacia do Lago Chade

50 Recursos Naturais para o Benefício de Todos

Os conflitos relacionados com os recursos e a má gestão desestabilizam os países e prejudicam as relações civis-militares. Não tem de ser assim



18

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

30 Batimento Cardíaco Africano

56 Ferramentas da Profissão

58 Força Futura

60 Defesa e Segurança

62 Manutenção da Paz

64 Trabalho em Equipa

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em
adf-magazine.com



NA CAPA:

O serviço militar à nação e a subordinação aos líderes civis eleitos estão ameaçados pelos golpes de Estado, mas continuam a ser o modelo mais duradouro para garantir a estabilidade e a boa governação.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Quando as relações civis-militares não estão equilibradas, toda uma nação pode cair no caos.

Nos últimos anos, tem havido uma série de golpes militares em África. O Burquina Faso, o Gabão, a Guiné, o Mali, o Níger e o Sudão registaram transferências de poder não democráticas. Os pormenores são diferentes em cada país, mas o padrão é o mesmo. Os líderes dos golpes justificam as suas acções, culpando governos ineficazes, corruptos e autoritários. Os líderes civis depostos apontam o dedo aos militares sedentos de poder. O golpe deixa a nação menos segura e diplomaticamente isolada.

Os especialistas dizem que os golpes de Estado são um sintoma de uma disfunção mais alargada da dinâmica civil-militar. Quando funciona correctamente, a relação é uma negociação entre os cidadãos, os seus líderes eleitos e as forças armadas. Todos têm um papel importante a desempenhar e todos podem beneficiar.

Nas forças armadas eficazes, os soldados são treinados para serem leais à Constituição e permanecerem apolíticos. A subordinação à autoridade civil é ensinada durante o treino básico e reforçada ao longo da carreira de um militar. Os civis, por sua vez, exercem a supervisão, através de mecanismos como as comissões parlamentares, o poder judicial, os grupos da sociedade civil e os meios de comunicação social.

Muitos países africanos fizeram grandes progressos na institucionalização das relações civis-militares desde os primeiros anos da independência, quando as ditaduras militares eram comuns. Os países estão a investir no ensino militar profissional. Estão a garantir que o sector da segurança trabalha para o público, através de esforços centrados nos civis, como a resposta a catástrofes, a construção de infra-estruturas e projectos humanitários. As organizações regionais estão a trabalhar para solidificar as normas democráticas e mediar em casos de disputas entre civis e militares.

Mas ainda há muito trabalho a fazer. Há ainda muitos casos em que as forças armadas são politizadas e actuam fora dos seus deveres constitucionais. Os soldados, muitas vezes, frustrados com a corrupção ou com as perdas na luta contra o extremismo violento, vêem os golpes de Estado como uma solução rápida.

Reequilibrar esta relação é uma tarefa de toda a sociedade, mas os membros das forças armadas continuam a ser a última linha de defesa. Têm de reforçar o profissionalismo e a responsabilidade nas suas fileiras e resistir a qualquer tentação de tomar o poder com uma arma apontada. Se forem bem-sucedidos, os benefícios far-se-ão sentir nas gerações vindouras.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos



Relações Civis-Militares Volume 16, 4º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

CEDEAO e 'A Busca Pela Paz, Segurança e Estabilidade'

O Dr. Omar Alieu Touray, diplomata gambiano, foi nomeado presidente da Comissão da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) em 2022.

Anteriormente, foi embaixador e representante permanente da Gâmbia junto da União Africana e embaixador na Etiópia. O seu discurso foi proferido a 28 de Maio de 2023, por ocasião do 48.º aniversário da fundação da CEDEAO. Os seus comentários foram editados por questões de espaço e clareza.

LUKASZ KOBUS



Vice-Almirante Seth Amoama, Chefe do Estado-Maior da Defesa do Gana, à esquerda, dá as boas-vindas aos participantes do comité de chefes de Estado-Maior da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, em Acra, no dia 17 de Agosto de 2023. AFP/GETTY IMAGES



Todos os anos, a 28 de Maio, celebramos o Dia da CEDEAO para honrar a visão dos nossos pais fundadores e o enorme sacrifício dos nossos Estados-membros e cidadãos na criação de um espaço socioeconómico e político único para a paz e a prosperidade de todos.

Durante 48 anos, o nosso sentido de comunidade manteve-se sólido face aos desafios e o nosso compromisso para com o desenvolvimento inclusivo e sustentável manteve-se forte. Estamos gratos aos nossos chefes de Estado e de Governo, que mantiveram uma posição resoluta e coerente com a visão dos nossos pais fundadores, investindo todos os recursos necessários para preservar a comunidade, e pela solidariedade para o avanço da nossa agenda de integração socioeconómica e a busca pela paz, segurança e estabilidade. Para a direcção das instituições da CEDEAO, a tarefa é bem difícil, pois os principais problemas com que a nossa região se confronta são palpáveis.

No domínio da paz e da segurança, somos confrontados com a persistência de conflitos violentos e do terrorismo. E vivemos diariamente com a triste notícia da perda de vidas e bens. Temos assistido a muitos ciclos eleitorais nos nossos Estados-membros, mas a violência continua a prejudicar os êxitos registados. No Mali e no Burquina Faso, a intensidade

da violência é preocupante. Condenamos veementemente a violência e estamos solidários com as famílias afectadas e as autoridades. Reiteramos o nosso apelo ao apoio internacional à nossa região na luta contra o terrorismo e outras formas de crime organizado.

A situação humanitária está a agravar-se devido não só aos conflitos, mas também às mudanças climáticas e à degradação ambiental. A crise económica mundial, que se manifesta sob a forma de um aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis, constitui um outro desafio que põe à prova a nossa vontade de segurança colectiva e de auto-suficiência.

No que respeita ao reforço da paz e da segurança, estamos a implementar o Plano de Acção da CEDEAO contra o Terrorismo e a trabalhar no sentido de reforçar a Força em Estado de Alerta da CEDEAO para apoiar a luta contra o terrorismo e contra as mudanças inconstitucionais de governo. Estamos também a combater a proliferação de armas ligeiras e de pequeno calibre, a reforçar a capacidade dos nossos Estados-membros contra ataques cibernéticos e a operacionalizar a arquitectura de segurança marítima, com a plena operacionalização das três zonas de vigilância e patrulha marítimas.

No que diz respeito à boa governação e à estabilidade política, duplicámos os nossos compromissos de diplomacia

preventiva em países que se encontram em processo eleitoral e continuámos a acompanhar e a apoiar as transições políticas no Mali, no Burquina Faso e na Guiné.

Além disso, concentrámo-nos mais na melhoria da segurança alimentar, no alívio da situação das pessoas deslocadas internamente e dos refugiados na nossa região, na construção de infra-estruturas de transportes e de energia para alcançar um desenvolvimento inclusivo e sustentável. Instituições capazes e parcerias equitativas são factores vitais para o nosso trabalho e desempenho.

Além disso, estamos muito gratos pelo apoio constante dos nossos parceiros de desenvolvimento. Eles têm-se mantido coerentes na colaboração connosco para promover o desenvolvimento e enfrentar os desafios em vários domínios de interesse mútuo. Continuamos abertos a uma maior colaboração e a parcerias reforçadas.

No futuro, tencionamos tornar o nosso trabalho mais visível para os nossos cidadãos, implementar projectos com impacto directo nas suas vidas e meios de subsistência e tornarmo-nos mais responsáveis perante os nossos constituintes.

ÁFRICA OLHA PARA A POTENCIAL RECOMPENSA DO ESPAÇO

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Depois de décadas à margem, os países africanos estão a aventurar-se na indústria espacial, na esperança de colherem frutos na agricultura, na prevenção de catástrofes e na segurança.

A Costa do Marfim, que acolheu a “Conferência NewSpace África,” em Abril de 2023, organizada pela União Africana, anunciou a criação de uma agência espacial e planeia construir o primeiro nanossatélite do país até 2024. Os nanossatélites têm uma massa de 1 a 10 quilogramas. Na mesma altura, o primeiro satélite funcional do Quênia foi colocado em órbita por um foguetão SpaceX lançado a partir dos Estados Unidos.

Os dois países seguem os pioneiros africanos, África do Sul, Nigéria, Argélia e Egipto — um país pioneiro que possuía o primeiro satélite africano enviado para o espaço em 1998. De acordo com o coordenador do programa espacial da UA, Tidiane Ouattara, cerca de 15 países africanos têm uma agência espacial.

Em 2018, a UA adoptou o estatuto da Agência Espacial Africana, cuja sede será no Cairo, juntamente com a Agência Espacial Egípcia, para promover a coordenação entre os membros da UA.

De acordo com uma organização não-governamental sediada em Viena, o Conselho Consultivo para a Geração Espacial, os países africanos lançaram 41 satélites desde 2016, liderados por Argélia, Egipto,

Nigéria e África do Sul. Apenas nove foram concebidos e fabricados em países africanos. Os Estados estrangeiros forneceram o resto, incluindo a sua capacidade de lançamento.

Os especialistas afirmam que o custo — o grande obstáculo à entrada no espaço — está a diminuir graças a componentes mais baratos e à miniaturização, que reduz o peso dos satélites.

“O espaço já não é caro, de todo,” disse Ouattara. As universidades africanas podem construir um nanossatélite por entre 50.000 e 100.000 dólares, disse.

Uma das principais prioridades dos países africanos é a observação da Terra — satélites que monitorizam a cobertura de nuvens, a precipitação, as inundações, a seca e assuntos afins, disse Mamadou Sarr, director da Organização Regional Africana de Comunicações por Satélite. Isso pode ser útil para a agricultura.

Os satélites também podem desempenhar um papel na segurança, monitorizando a pesca costeira e os movimentos de extremistas violentos que desestabilizam o Sahel e o norte de Moçambique.

Um outro grande mercado é o sector das comunicações. A África foi uma das primeiras a converter-se à tecnologia de satélite, que, juntamente com as redes de telemóveis, ajudou a ultrapassar as redes de fios de cobre.



Engenheiros da Agência Espacial do Quênia, Aloyce Were, a partir da esquerda, Deche Bungule e Andrew Nyawade, seguram o protótipo do satélite de observação da Terra Taifa-1, que conceberam. AFP/GETTY IMAGES

SOMÁLIA

Prepara-se para Avançar, com a Retirada da ATMIS

EQUIPA DA ADF

Após 18 anos e três missões de paz multinacionais, a Somália está a assumir o controlo total da sua própria segurança. A Missão de Transição da União Africana na Somália (ATMIS) está a retirar as suas tropas daquele país do Corno de África.

A União Africana estava a retirar as tropas de forma gradual e estratégica, sector por sector, com o objectivo de terminar a ATMIS até 31 de Dezembro de 2024. O Burundi, o Djibouti, a Etiópia, o Quênia e o Uganda contribuem com tropas para a missão.

Quando as tropas da ATMIS se retiravam, as tropas somalis estavam a terminar a sua formação no estrangeiro. O objectivo era ter 15.000 soldados prontos até ao final de 2023, afirmou Hussein Sheikh-Ali, conselheiro de segurança nacional do Presidente da Somália, Hassan Sheikh Mohamud.

O plano consiste em transferir a segurança para as forças somalis, consolidando e preservando os ganhos obtidos contra a insurgência do al-Shabaab pela ATMIS e pela Missão da União Africana na Somália, que precedeu a ATMIS de 2007 a 2022.

Amani Africa, um grupo de reflexão política sediado em Adis Abeba, Etiópia, observou num relatório de 28 de Abril de 2023 que a ATMIS continua a enfrentar um “terrível défice de financiamento” à medida que a transição prossegue. Apesar disso, a ATMIS fez “progressos notáveis” ao conduzir operações cinéticas conjuntas com as forças de segurança somalis contra os militantes do al-Shabaab desde Agosto de 2022.

Um plano de quatro fases prevê que os níveis de tropas da ATMIS diminuam dos actuais 18.586 para pouco mais de 9.500 no final do período de transição, em finais de 2024. A Somália tenciona aumentar gradualmente o número das suas forças para cerca de 23.000 e assumir o controlo quando a ATMIS se retirar totalmente.

Aproximando-se a primeira retirada das tropas, os presidentes dos países que contribuíam com tropas para a ATMIS reuniram-se a 27 de Abril de 2023, em Entebbe, no Uganda, para discutir a missão e a retirada iminente. Após a reunião, os funcionários emitiram um comunicado em que apelam a “um maior apoio logístico às Forças de Segurança da Somália” e reafirmam as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas que visam uma “abordagem estratégica, gradual e sectorial da retirada.” O comunicado sublinhou igualmente a importância da protecção das forças, como o apoio da aviação. O documento pede também que o Conselho de Segurança levante o embargo de armas à Somália para que o país possa satisfazer as suas necessidades de segurança.

O comunicado solicita a UA e os seus parceiros que disponibilizem um financiamento adequado para manter a ATMIS até ao final do seu mandato.



Pessoal da ATMIS e da Força Policial da Somália monta guarda no recinto do Ministério da Justiça, em Mogadíscio, em Março de 2023.

ATMIS

ALTOS DIRIGENTES MILITARES PARTILHAM CONHECIMENTOS NA ALFS 23

EQUIPA DA ADF

Altos dirigentes das forças terrestres reuniram-se em Abidjan, na Costa do Marfim, em Maio de 2023, na Cimeira das Forças Terrestres Africanas, a fim de debater as ameaças comuns e a necessidade de cooperar à medida que os extremistas do Sahel avançam para a costa da África Ocidental.

“As forças terrestres precisam de unir-se e trabalhar em conjunto,” disse o Major-General Christopher Musa, comandante do Corpo de Infantaria do Exército da Nigéria. “A guerra assimétrica requer os serviços de todos — uma abordagem de todo o domínio, de toda a região. É por isso que é importante que nos encontremos, que analisemos todos os desafios que enfrentamos e a melhor forma de os ultrapassar.”

Os chefes militares e outros líderes de 39 países africanos participaram na cimeira de cinco dias, juntamente com representantes de organizações como a União Africana e as Nações Unidas. O evento foi co-organizado pela Força-Tarefa do Exército dos EUA do Sul da Europa-África.

Os debates em grupo incidiram sobre as operações de manutenção da paz em África, a luta contra as organizações extremistas violentas, os factores de instabilidade e a importância das equipas de comando.

O Tenente-General Dennis Sitali Alibuzwi, comandante do Exército da Zâmbia, disse que os líderes militares se sentem, muitas vezes, constrangidos e incapazes de “falar livremente” com os seus homólogos do continente, mas acredita que no final da cimeira verão os benefícios de tais trocas francas.

“Os exércitos africanos têm doutrinas, antecedentes e história diferentes e, por isso, juntando toda esta experiência, estou certo de que serão encontradas soluções para os desafios africanos que enfrentamos,” disse Alibuzwi.

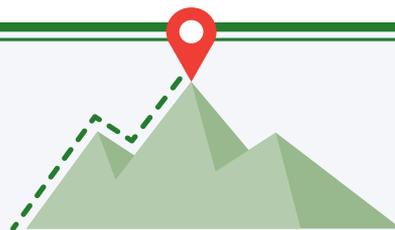
Lassina Diarra, investigadora do Centro de Estratégias e Segurança para o Sahel Sahara, falou sobre a intenção dos grupos terroristas de se expandirem e sobre os esforços para bloquear esse movimento. Diarra afirmou que a chave para combater o terrorismo é a colaboração a vários níveis.

“O terrorismo transfronteiriço exige uma cooperação a nível internacional, regional, sub-regional e bilateral,” afirmou Diarra. “Mas alguns Estados optaram por procurar mercenários para cooperar, em vez de cooperarem com os Estados na luta contra o terrorismo.”

Líderes militares visitam a L'Académie Internationale de Lutte Contre le Terrorisme (Academia Internacional de Luta Contra o Terrorismo) de Jacquville, Costa do Marfim, durante a Cimeira das Forças Terrestres Africanas de 2023.

AVIADOR SÉNIOR ELIJAH DORITY/FORÇA AÉREA DOS EUA





OS CIDADÃOS E A CONSTITUIÇÃO DEVEM ASSUMIR A LIDENRANÇA

*O Controlo Civil das Forças
Armadas Continua a Ser um Modelo
Duradouro, Apesar de Golpes de
Estado e Obstáculos*

EQUIPA DA ADF





Na câmara do Senado de Abuja, na Nigéria, quatro candidatos a chefes dos ramos do serviço militar defenderam, um de cada vez, a sua aptidão para o cargo. Cada um apresentou as suas credenciais e delineou uma visão para melhorar a segurança no país.

“Sob o meu comando, as forças armadas continuarão a servir o povo nigeriano de forma zelosa e em conformidade com a Constituição da República Federal da Nigéria e outras leis em vigor na federação,” o Chefe do Estado-Maior da Defesa, Major-General Christopher Musa, disse aos senadores, em Julho de 2023.

Em seguida, os senadores interrogaram os candidatos durante três horas antes de confirmarem os quatro.

Este pode parecer um processo banal, mas incorpora um princípio vital: o controlo civil das forças armadas.

O princípio de que os civis devem controlar os militares remonta a centenas de anos. Os países que adoptaram este princípio determinaram que um exército responsável e apolítico é o mais capaz de garantir a segurança sem cair na tentação de conquistar o poder.

Este e outros conceitos foram consagrados na Carta da União Africana de 2007, que apela ao “controlo civil constitucional sobre as forças armadas e de segurança para garantir a consolidação da democracia e da ordem constitucional.”

Apesar de uma série de golpes de Estado recentes, as sondagens mostram uma forte preferência pelo governo civil em todo o continente. De acordo com uma sondagem do Afrobarómetro de 2021, 75% rejeitam o regime militar e 69% preferem a democracia a qualquer outra forma de governo.

Nos países que exigem controlo civil, as decisões sobre a forma de definir as ameaças e desenvolver estratégias de segurança são

A cerimónia de tomada de posse presidencial da Nigéria dá ênfase ao controlo civil das forças armadas, um conceito que tem sido contestado ao longo da história, mas que continua a ser o modelo mais fiável para garantir segurança.

REUTERS

“Sob o meu comando, as forças armadas continuarão a servir o povo nigeriano de forma zelosa e em conformidade com a Constituição da República Federal da Nigéria e outras leis em vigor na federação.”

~Major General Christopher Musa, chefe do Estado-Maior da Defesa

Um oficial militar nigeriano saúda a bandeira nacional transportada por um helicóptero. Os países com as mais bem-sucedidas relações civis-militares inculcaram normas e padrões profissionais nas forças armadas que enfatizam a supervisão civil. REUTERS



Uma mulher carrega o seu filho durante uma parada militar que assinala o Dia da Independência do Senegal, em Dakar.

REUTERS

tomadas por representantes eleitos do povo. Os civis também tomam decisões sobre a forma como o sector da segurança deve ser dotado de pessoal e financiado, disse o Dr. Ibrahim Wani, um diplomata ugandês que foi director da Divisão de Direitos Humanos na Missão da ONU no Sudão do Sul.

“Todas as decisões políticas fundamentais devem ser tomadas pela componente civil,” disse Wani durante uma palestra em 2022 no Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). “O papel das forças armadas está definido de forma muito, muito específica. O seu objectivo é aconselhar as autoridades civis na formulação dessas estratégias e políticas.”

Wani apontou três mecanismos que solidificam este controlo:

Mecanismos formais: Os documentos, como a Constituição e a legislação da “lei da defesa nacional”, definem os deveres e os limites do poder militar. Os membros eleitos ou nomeados do conselho de segurança nacional, os órgãos legislativos e os membros do conselho de ministros, como o ministro da defesa, asseguram o respeito por estes documentos.

Controlo e supervisão: Os funcionários civis auditam e investigam as actividades e as despesas militares. As comissões parlamentares e os meios de comunicação social também desempenham um papel no controlo das forças armadas.

Normas e padrões profissionais: Através do recrutamento, do ensino militar profissional, da formação e da promoção, os militares incutem os valores fundamentais de uma atitude apolítica, de lealdade à Constituição e de subordinação à autoridade civil.

Uma Estrada Sinuosa

Durante a transição dos países, do colonialismo para a independência, o controlo civil total das forças armadas foi, por vezes, considerado o “marco esquecido” no caminho para um Estado funcional. Raramente se trata de um caminho recto. Países como o Gana e o Togo sofreram golpes militares nos seus primeiros anos pós-independência, quando presidentes civis tentaram controlar e reformar as forças armadas. Em 1987, metade dos países do continente estava sob regime militar. Muitas vezes, os militares consideravam a supervisão civil como um incómodo.



“Noutros países recém-independentes, o exército via o controlo civil como uma intrusão desnecessária na esfera de competência militar,” escreveu o Coronel Kemence Kokou Oyome, das Forças Armadas Togolesas. “Nem o exército nem as autoridades civis conheciam os seus respectivos papéis no novo contexto nacional.”

Ao longo dos anos, os países têm-se esforçado por reforçar o princípio do governo civil. A Constituição do Quênia de 2010 prevê que a segurança nacional esteja “sujeita à autoridade desta Constituição e do Parlamento.” Apela igualmente a medidas de integridade, responsabilização e controlo.

Na África do Sul, após a transição para a democracia, o país adoptou uma Constituição de 1996 que sublinhava o controlo civil, com comissões parlamentares

multipartidárias a supervisionar todos os assuntos relacionados com a defesa e as informações.

Wani disse que o conceito é hoje amplamente aceite, embora, na prática, seja muito mais de cedências mútuas do que uma regra rígida e firme.

Quando os países procuram formas de reforçar as relações civis-militares, os peritos dizem que há várias áreas essenciais.

Colocar as forças de segurança em condições de cumprir os seus deveres constitucionais: As rupturas nas relações civis-militares podem ocorrer quando as forças armadas são utilizadas de formas que não estão previstas na Constituição. Judy Gitau, uma advogada queniana e coordenadora regional da Equality Now,

Membros da Força Nacional de Defesa da África do Sul alinhados à porta do Conselho Municipal da Cidade do Cabo antes do discurso anual do presidente sobre o estado da nação.

REUTERS

“A forma como as forças armadas estão estruturadas não se presta à aplicação da lei... não devem ser utilizadas para a aplicação da lei no dia-a-dia porque não foram concebidas para isso.”

Judy Gitau, coordenadora regional da Equality Now

disse que, muitas vezes, isso acontece em resposta ao terrorismo ou à instabilidade interna. As forças armadas são destacadas para o interior do país, muitas vezes, sem a aprovação da assembleia nacional, e são chamadas a assumir uma missão fora do seu mandato.

“A forma como as forças armadas estão estruturadas não se presta à aplicação da lei,” disse Gitau à ADF.

De acordo com a Constituição queniana, as forças armadas só podem ser mobilizadas a nível interno em caso de catástrofe natural ou de manutenção da paz. Nestes casos, o destacamento deve ser autorizado pelo parlamento e limitado a um período definido.

“As forças armadas servem um objectivo militar; as excepções estão previstas na lei, como por exemplo, as forças armadas podem usar a sua força em caso de conflito ou em caso de catástrofe,” afirmou. “É nessa altura que podem sair do quartel, mas não devem ser utilizadas para a aplicação da lei no dia-a-dia, porque não foram concebidas para isso.”

Demasiadas vezes, disse Gitau, é pedido aos militares que assumam funções que

deveriam ser tratadas pela polícia, como sejam o controlo de multidões, a detenção de suspeitos e a recolha de provas.

“Uma vez que essa linha é ténue, torna-se fácil para a administração do dia usar ou mesmo abusar dos militares e quebrar as relações civis-militares como deveriam ser,” disse Gitau à ADF.

Melhorar a transparência: O controlo civil só é possível com o acesso à informação. A falta de transparência nos assuntos militares pode conduzir à corrupção. Um exemplo altamente publicitado são os pagamentos a “soldados fantasmas” que existem no papel, mas não na vida real.

“A informação é essencial para o exercício da supervisão civil por parte do executivo, do legislativo, do judiciário e dos cidadãos,” escreveu Godfrey Musila, investigador e antigo comissário da Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos no Sudão do Sul.

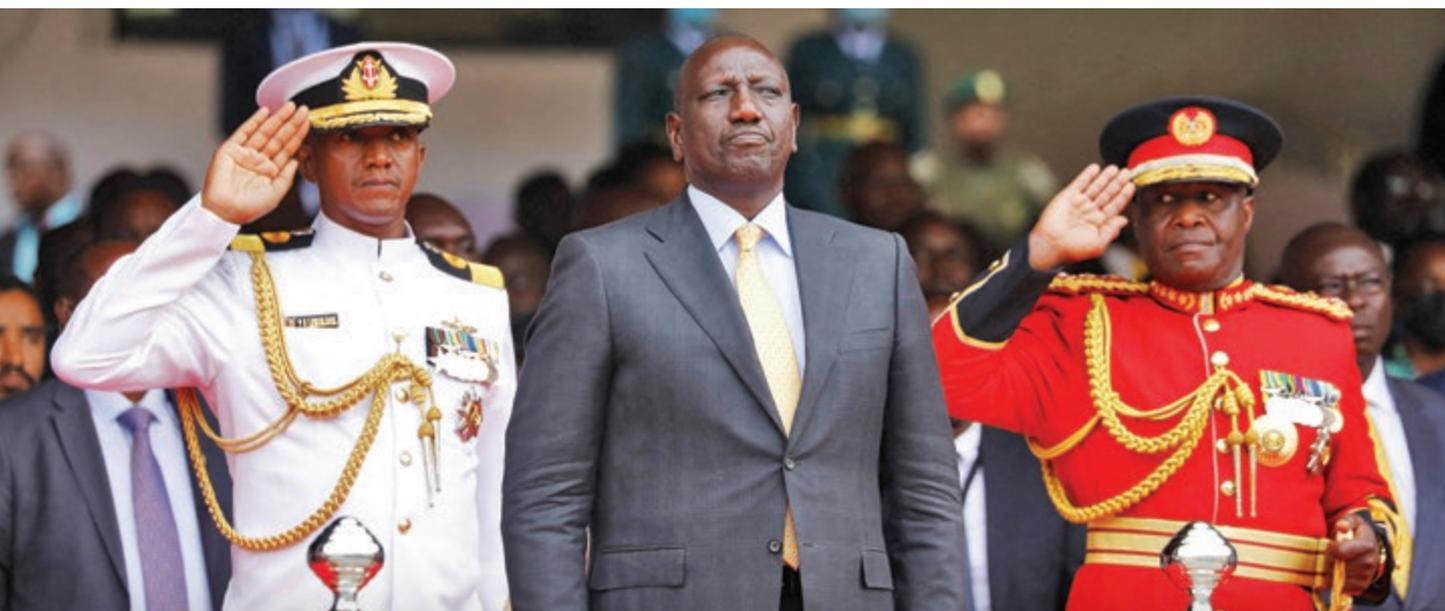
Musila afirmou que, desde 2000, 19 países africanos aprovaram legislação que reforça o acesso à informação. Em 2012, a Comissão da UA para os Direitos Humanos e os Direitos dos Povos desenvolveu uma lei modelo para este efeito.

Ainda assim, Musila disse que o acesso à informação no sector da defesa está atrasado em relação a outras áreas do governo e dificulta a supervisão civil. Sem transparência, a corrupção pode florescer e as forças armadas podem ser utilizadas de formas que não são do interesse público.

“O desafio é que, na grande maioria dos Estados do continente, o sector da segurança

Presidente do Quênia, William Ruto, ladeado por chefes militares enquanto o hino nacional é entoado durante a cerimónia de tomada de posse.

REUTERS





funciona tradicionalmente numa cultura de secretismo,” escreveu. “A ‘segurança nacional’ é frequentemente invocada de forma incorrecta como uma consideração que se sobrepõe a tudo; uma vez invocada, levanta um véu que impede qualquer tipo de escrutínio do que o governo faz.”

Reforçar as instituições: Quando os soldados derrubam o governo, normalmente justificam as suas acções apontando uma liderança civil inadequada ou corrupta. Gitau disse que há uma necessidade desesperada de melhorar as instituições judiciais e democráticas para que os civis nunca sintam a necessidade de apoiar um golpe de Estado ou uma transferência de poder não democrática.

“Os sistemas devem funcionar, as pessoas devem saber que podem mudar nas próximas eleições e não precisam de sentir que a única salvação são os militares,” afirmou.

As comissões parlamentares que supervisionam o financiamento e os efectivos das forças armadas podem ser reforçadas. Em muitos países africanos, os parlamentos têm uma elevada taxa de rotatividade e não são vistos como um contrapeso credível ao poder executivo. O Dr. Ken Opalo, um académico nascido no Quênia que ensina na Escola de Serviço Externo da Universidade de Georgetown, acredita que uma supervisão parlamentar mais forte melhoraria a responsabilização do exército.

“Os parlamentares precisam de desempenhar um papel mais importante na supervisão do financiamento do sector da segurança nos seus países, mas também de contribuir para as políticas que o sector da segurança implementa, porque conhecem melhor os seus eleitores,” disse Opalo durante um fórum do ACSS sobre responsabilização.

Nos melhores casos, os parlamentares desenvolvem uma relação com os líderes militares que permite uma discussão bidireccional sobre as prioridades de defesa e as ameaças que o país enfrenta. “Isso exige confiança e um diálogo construtivo e empenhado, em oposição às posturas de confronto que são comuns em muitas legislaturas,” afirmou Opalo.

Quando funcionam correctamente, os oficiais militares oferecem aconselhamento e conhecimentos especializados, mas permanecem sob a supervisão de líderes civis que agem em nome do público. Isso conduz a prioridades de segurança que respondem às necessidades mais prementes do público.

“A mensagem aqui é o reforço das instituições para efeitos de responsabilização, governação e Estado de direito,” disse Gitau. “Desta forma, existem canais adequados e vias adequadas que permitem aos civis exprimir as suas opiniões, responsabilizar os líderes, mas, mais importante ainda, no que diz respeito às relações civis-militares, isso garante que eles continuem a ser o princípio e o exército continue a ser o agente.” □

Fuzileiros em sentido durante uma cerimónia de tomada de posse presidencial em Dar es Salaam, na Tanzânia.

REUTERS



**‘SOMOS A
ÚLTIMA DEFESA
DESTA NAÇÃO’**

ILUSTRAÇÃO DA ADF



O General Dennis Sitali Alibuzwi serviu no Exército da Zâmbia durante mais de 40 anos. Durante o seu serviço, ocupou vários cargos de comando e de Estado-Maior. Participou em missões de manutenção da paz das Nações Unidas em Angola, Darfur, Etiópia/ Eritreia e Serra Leoa. Em 2019, foi nomeado vice-comandante do exército e em 2021 foi nomeado comandante do exército. Falou à ADF a partir do Quartel-General do Exército da Zâmbia, em Lusaka. Esta entrevista foi editada por questões de espaço e clareza.

ADF: A Zâmbia tem sido um dos principais contribuintes para as missões de manutenção da paz, com cerca de 1.000 soldados de manutenção da paz a servir em várias missões da ONU. Por que isso é importante e como é que o serviço no estrangeiro ajudou a reforçar a Força de Defesa da Zâmbia no seu país?

Alibuzwi: A nível local, estamos sobretudo envolvidos em operações que se situam em torno das nossas fronteiras. Mas é necessária uma experiência de missão, porque é uma das obrigações que temos de cumprir enquanto membros da ONU. Quando fomos destacados pela primeira vez para Moçambique, tivemos os nossos próprios desafios; saímos-nos melhor no Ruanda e continuámos a melhorar noutras missões. Isso proporciona a exposição de que os nossos soldados necessitam. Começamos sempre com a formação de pré-destacamento. Quando era major, costumava ser muito activo na preparação das tropas para o destacamento. A formação dá um sentimento de pertença àqueles que mantêm a paz mundial e também a paz em África. Quando nos preparamos adequadamente, descobrimos que o cumprimento das tarefas na missão é muito simples. Fica-se preparado para compreender a situação no terreno e conquistar os corações e as mentes do país de acolhimento. Isso traz um sentimento de pertença ao país de acolhimento.

ADF: Um grupo que recebeu um elogio especial foi a Equipa de Envolvimento Feminino da Zâmbia. Por que o destacamento feminino é importante?

Alibuzwi: Quando estava no Darfur, costumava ter três polícias zambianas — irmãs, por assim dizer — que podiam ir falar com os residentes locais e conhecer as suas experiências, especialmente no que dizia respeito a violações. A violação estava a ser utilizada como arma de guerra e as mulheres sentiam-se livres para falar com outras mulheres, expondo aquilo por que tinham passado. O contingente zambiano começou a concentrar-se em grande escala na formação de mulheres para que pudessem ir para o terreno e interagir com os residentes locais, especialmente mulheres e crianças, para obter o resultado desejado e também informações dos residentes locais.

ADF: A Equipa de Envolvimento Feminino provou ser muito eficaz e, desde então, solicitámos às Nações Unidas que também tivéssemos uma equipa neutra chamada Equipa de Envolvimento, porque alguns homens também são vítimas e não estão dispostos a falar com a Equipa de Envolvimento Feminino. Criámos uma equipa módulo para envolver os homens e, até agora, os resultados

O Tenente-General Alibuzwi observa o treino dos operadores das forças especiais no distrito de Mbala, na província do Norte da Zâmbia. EXÉRCITO DA ZÂMBIA

Alibuzwi dirige-se aos oficiais de grau geral durante uma visita ao Colégio de Comando e Estado-Maior dos Serviços de Defesa.

EXÉRCITO DA ZÂMBIA

Alibuzwi é nomeado no International Fellows Hall of Fame da Escola de Guerra do Exército dos EUA em Carlisle, Pensilvânia.

ESCOLA DE GUERRA DO EXÉRCITO DOS EUA

são muito encorajadores. Por esta razão, o ZAMBATT, o Batalhão da Zâmbia, onde quer que seja destacado na República Centro-Africana, os residentes locais não estão dispostos a ter nenhum outro contingente, lamento dizê-lo. Quando consegue obter o resultado desejado, é muito gratificante saber que se está a contribuir para o bem-estar dos residentes locais.

ADF: A Zâmbia é um país sem uma ameaça significativa de extremismo violento e está em paz com os seus vizinhos. Quais são as maiores ameaças que a Zâmbia enfrenta actualmente e como está a trabalhar para as abordar?

Alibuzwi: Penso que a grande ameaça neste momento somos nós próprios. Porque, em certos casos, falta-nos lealdade e falta-nos essa causa nobre de servir diligentemente o nosso país. Assistimos ao aumento dos imigrantes ilegais e a facilitação foi feita por nós próprios. Portanto, somos uma ameaça para nós próprios, porque não temos a consciência da segurança.

Para além disso, o que está a acontecer nos países vizinhos também pode acontecer na Zâmbia. As nossas fronteiras são muito largas e porosas, mas podemos fazer melhor e acabar com o que os irmãos e irmãs moçambicanos estão a viver e também com o tráfico de seres humanos, o tráfico de droga e outros vícios, incluindo o contrabando de minerais para fora do país. Se tudo isto for deixado crescer, criar-se-á uma situação que se tornará tóxica e perigosa para a segurança do país. Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para resolver a situação e temos a boa vontade do Presidente e Comandante-em-Chefe, Hakainde Hichilema, que prometeu financiar-nos adequadamente e garantir a nossa formação e actualização. Estamos também a colaborar com os nossos vizinhos da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral e a garantir que haja um intercâmbio de informações, e somos capazes de enfrentar muitos desafios como um grupo regional.

ADF: A Zâmbia enfrenta a ameaça de catástrofes naturais, como cheias e ciclones. Como é que o Exército da Zâmbia está a trabalhar para melhorar a preparação para catástrofes e a sua capacidade de resposta?

Alibuzwi: Temos a Unidade de Gestão e Mitigação de Desastres. Actualmente, é o principal actor para esses desastres e desafios. Mas treinamos para os desastres. Estamos a reequipar-nos para fazer face a todos os tipos de catástrofes sob a égide do Comité Central de Operações Conjuntas, que leva a cabo as funções de uma abordagem unificada de todo o governo para lidar com situações como as catástrofes. Há um comité que se reúne sempre para analisar como armazenar, quando armazenar, onde e porquê, de modo a prepararmos-nos para o alerta climático do nosso departamento de meteorologia. Como exército, estamos preparados para tudo. Preparamos-nos para o pior cenário possível.

ADF: Quando foi nomeado Comandante do Exército da Zâmbia em 2021, o Presidente Hichilema disse que o exército “deve ter o interesse do povo no coração e servir diligentemente o país.” Como é que interpretou esta missão e como é que tentou melhorar as relações civis-militares no país?

Alibuzwi: Esta questão é apaixonante para mim, porque ensino a necessidade de ser leal desde o tempo em que era segundo-tenente. Foi-me dada a oportunidade de começar na escola de formação; na altura chamava-se Escola Militar de Aprendizagem. Começo pela base de como entrámos para o exército. A Zâmbia é uma nação cristã; quando nos alistamos e quando somos integrados, seguramos a Bíblia na mão direita para fazer o juramento de fidelidade. Quando prestamos o juramento de fidelidade, dizemos: “Protegerei o Presidente da República da Zâmbia, preservarei a Constituição da República da Zâmbia, protegerei os cidadãos da Zâmbia e cumprirei os meus deveres com zelo e diligência.” Este juramento de fidelidade consiste em subordinar-se à autoridade civil sob a representação do próprio presidente. É ele que nos dá ordens e instruções, através da Lei da Defesa. Por isso, sou um servidor da Zâmbia, sou um servidor do Presidente, sou um servidor das autoridades que conduzem a direcção deste país. Com este entendimento, portanto, não posso fazer nada para além daquilo que me é orientado pelo comandante-em-chefe das Forças de Defesa. Esforço-me muito por manter a disciplina no seio da hierarquia. Esforço-me muito por fazer com que todos vejam o sentido do ditado que diz que “cabe a nós obedecer prontamente às ordens e cumprir obedientemente as tarefas.” Somos a última defesa desta nação e não podemos dar-nos ao luxo de não cumprir ordens, de não seguir directrizes, porque o nosso dever é desempenhar funções de acordo com as instruções do Presidente. Portanto, é muito simples: é possível seguir se soubermos de onde viemos.

ADF: Há alguma ferramenta de comunicação estratégica que utiliza para melhorar as relações civis-militares?

Alibuzwi: Abrimo-nos para que as pessoas saibam quem somos. Temos uma página no Facebook e um site do exército onde publicamos assuntos que nos ajudam a relacionarmos-nos com a população para saberem o que é este exército e com quem interagem quando saímos em público e nos vêem de uniforme. A população está bem informada sobre o que é o exército. O mesmo se aplica à Força Aérea, ao Serviço Nacional da Zâmbia e à Polícia da Zâmbia. É por isso que temos uma comunicação estratégica com a população, para que esta tenha confiança em nós e saiba que estamos lá para a defender. Não estaríamos fardados se não fosse por eles. Fazemo-lo com orgulho, e eles devem saber que este é o exército do povo. Estamos também a utilizar o desporto como um campo para transmitir quem somos. O exército tem futebolistas do sexo feminino e um bom número delas representa o país no Campeonato do Mundo.



Forças de manutenção da paz da Zâmbia, que servem na missão da ONU na República Centro-Africana, cumprimentam crianças enquanto fazem patrulha. MINUSCA

ADF: Porque é que acha que os golpes de Estado estão a ocorrer com tanta regularidade em África, depois de décadas em que estavam em declínio?

Alibuzwi: Não quero falar em nome daqueles que estão a ultrapassar o seu mandato, tal como previsto na lei militar, para assumir governos. O que quero sublinhar é que aqui, a começar pela formação de base de todos os soldados, incluindo os oficiais, damos ênfase à necessidade de cumprir a lei. Também reconhecemos o facto de não sermos nós quem deve corrigir os erros. O nosso objectivo é proteger a Constituição, obedecer ao governo do dia e manter a paz nesta nação. Por conseguinte, deixamos bem claro que, na nossa mente, não há qualquer momento em que devamos pensar em assumir o governo, porque esse não é o nosso domínio. A formação dos nossos homens e mulheres soldados é orientada para fazer o que a lei prevê e não o que está fora da lei. Conseguimos manter a situação sob controlo, e os nossos soldados são profissionais. Talvez alguns elementos tenham tais pensamentos, mas, uma vez descobertos, livramo-nos deles rapidamente, para que abandonem este nobre uniforme.

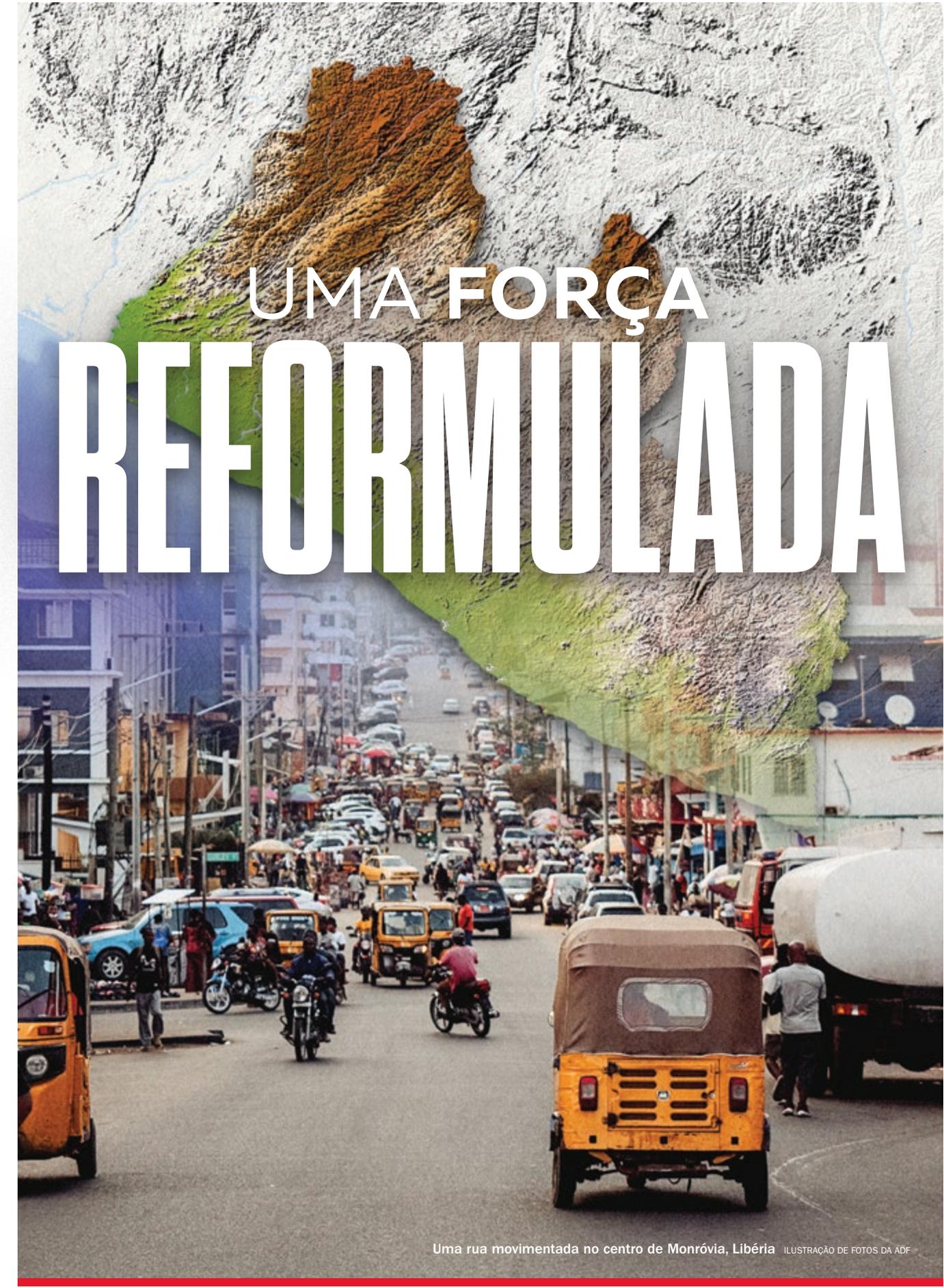
ADF: No início deste ano, foi indicado no International Fellows Hall of Fame da Escola de Guerra do Exército dos EUA, que frequentou em 2013. O que é que isto significa para si?

Alibuzwi: Ser reconhecido ao mais alto nível é uma

grande conquista. Para muitos, não é assim. Diria que é um feito para toda a vida, mas foi conseguido através de trabalho árduo, mantendo-me leal ao governo do dia, concentrando-me no significado do curso e no que queria alcançar com ele. Voltei do curso e pude ampliar as minhas abordagens ao ensino. Regressei e voltei ao meu cargo de instrutor-chefe no nosso Colégio de Comando e Estado-Maior. Por isso, partilhei essa experiência na qual melhorei a minha compreensão de certos conceitos militares. Acima de tudo, estou no auge da minha carreira; o próximo passo é a reforma. Assim, ser homenageado traz a gratificação de que, sim, se levou uma vida militar muito boa.

ADF: Ao olhar para o futuro, quais são os seus objectivos para o Exército da Zâmbia?

Alibuzwi: Teria gostado de fazer muitos programas, mas estamos a sair de uma economia muito difícil. As necessidades de recursos são concorrentes. Por isso, não consigo obter o que pretendo para levar a cabo a modificação do exército num prazo que considero adequado. No entanto, estou concentrado no crescimento do exército para poder defender adequadamente esta nação, para poder ter o equipamento correcto e moderno para esse efeito. Lenta, mas seguramente, continuarei a bater à porta do comandante-em-chefe e das outras instituições governamentais para garantir que o exército receba a atenção de que necessita para ser profissional e moderno. □



UMA FORÇA REFORMULADA

Uma rua movimentada no centro de Monróvia, Libéria ILLUSTRACÃO DE FOTOS DA ADF



APÓS ANOS DE GUERRA CIVIL E DE RECONSTRUÇÃO, AS FORÇAS ARMADAS DA LIBÉRIA ESTÃO A DEIXAR A SUA MARCA NA ÁFRICA OCIDENTAL E NÃO SÓ

EQUIPA DA ADF

Quando oito piratas atacaram os navios de pesca Aliman e Shenghai-2, ao largo da costa da Serra Leoa, talvez pensassem que iriam raptar os membros da tripulação e extorquir resgates para obterem um bom pagamento. Talvez pensassem que um ou ambos os barcos serviriam para as suas actividades criminosas em curso.

O que eles não sabiam é que estavam prestes a navegar para as mandíbulas da “Operação Baleia Assassina,” enquanto a Guarda Costeira Nacional da Libéria (LCG) esperava a sul. A Marinha da Serra Leoa contactou a Libéria, que assistiu à entrada do Shenghai-2 capturado nas suas águas territoriais. Quando o fez, as autoridades da guarda costeira seguiram-no, abordaram-no, resgataram 23 membros da tripulação e prenderam dois piratas nigerianos. Seis membros da tripulação eram chineses; os restantes eram serra-leoninos.

“A LCG, embora mais pequena em termos de força e disposição, tem sido uma componente muito robusta das AFL,” o Major-General Prince C. Johnson III, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, disse à ADF por e-mail. “A LCG contribuiu imensamente para o desenvolvimento económico nacional, através da condução segura das nossas águas territoriais por meio de detenção e dissuasão. Proporciona também um ambiente propício à prosperidade do nosso sector das pescas e à segurança dos nossos pescadores artesanais. A LCG fez cumprir a lei contra o tráfico, tanto na água como em terra.”

A Operação Baleia Assassina, com a duração de 28 horas, é mais um marco positivo num percurso de anos para as AFL. A força estava em desordem após duas guerras civis sucessivas. Consequentemente, foi dissolvida. Os esforços para reconstituir as AFL começaram em 2006 e, quatro anos depois, a Libéria

tinha um novo exército. Desde então, distinguiu-se em operações internacionais de manutenção da paz, apoiou a resposta a uma pandemia mortal do Ébola e restabeleceu a sua guarda costeira. Mantém uma forte relação bilateral com a Guarda Nacional do Exército de Michigan ao abrigo do Programa de Parceria Estadual dos EUA. Actualmente, está a trabalhar com conselheiros nigerianos para criar uma ala aérea.



O Major-General Prince Charles Johnson III assiste ao 176.º Desfile do Dia da Independência da Libéria, no Barclay Training Center, em Monróvia, no dia 26 de Julho de 2023. FORÇAS ARMADAS DA LIBÉRIA

A LCG é apenas um ponto de orgulho nos esforços para reconstruir as AFL como uma instituição de confiança, que protege a população e respeita a autoridade civil. Fazer isso a partir do zero não é tarefa fácil, mas as AFL estão a mostrar que é possível.

PROGRAMA DE REINICIALIZAÇÃO MILITAR

As duas guerras civis da Libéria, a primeira das quais começou em 1989, deslocaram quase um terço da



população do país e mataram cerca de 250.000 pessoas. Muitos membros das AFL foram acusados de crimes de guerra, o que destruiu a confiança do público nas forças armadas. O país também estava inundado de armas, munições e combatentes rebeldes dos países vizinhos.

“ A LIBÉRIA É UM EXEMPLO DO IMPACTO TANGÍVEL QUE A MANUTENÇÃO DA PAZ TEM NOS PAÍSES AFECTADOS POR CONFLITOS.”

~ Jean-Pierre Lacroix, Subsecretário-Geral das Nações Unidas para as operações de paz

A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, o Governo de Transição da Libéria, as Nações Unidas e os Estados Unidos trabalharam em conjunto num ambicioso programa de reforma do sector da segurança para reconstruir as forças militares e policiais do país e para desarmar e desmobilizar os combatentes. As autoridades concordaram que, para restabelecer a confiança do público nas forças de segurança, as forças armadas teriam de ser desmanteladas e completamente reconstruídas.

Um combatente da milícia governamental grita depois de disparar contra as tropas rebeldes, em Julho de 2003, numa ponte em Monróvia, durante a segunda guerra civil do país. GETTY IMAGES

Todos os soldados que partiam recebiam uma indemnização e os potenciais novos membros tinham de ser examinados e cumprir uma lista de requisitos. Por exemplo, o pessoal alistado tinha de ter concluído o ensino secundário e os oficiais tinham de possuir o nível de licenciatura. Os novos soldados também tinham de cumprir as normas físicas e médicas e ser aprovados por um Comité de Pessoal Conjunto. Esta direcção afixava as fotografias dos potenciais recrutas nas aldeias, cidades e jornais para ver se algum civil tinha dúvidas, preocupações ou informações sobre o seu comportamento anterior. O processo de controlo extrajudicial não conduziu a acções judiciais.

Johnson disse à ADF que o esforço “proporcionou a plataforma para que a população em geral acreditasse e confiasse no processo que deu origem às novas AFL. Os cidadãos sabiam que as AFL que estavam a ser estruturadas seriam livres de pessoas ligadas a facções beligerantes durante as crises civis e [aqueles] que cometeram violações de direitos humanos e outros actos ilegais não fariam parte das AFL.”

PAGAR UMA DÍVIDA DE PAZ

Ao sair da sua primeira guerra civil, que começou em 1989, a Libéria tornou-se a primeira nação da África Ocidental a acolher uma missão de manutenção da paz

em 1993, quando a Missão de Observação das Nações Unidas na Libéria foi criada para apoiar a implementação de um acordo de paz. A missão terminou em 1997. Menos de dois anos depois, a guerra civil rebentou de novo e durou até 2003. Nessa altura, foi criada outra missão de manutenção da paz, a Missão das Nações Unidas na Libéria (UNMIL), que durou até 2018.

O renascimento das AFL ocorreu em simultâneo com a UNMIL, visto que as novas forças armadas foram formadas entre 2006 e 2010. Cerca de três anos após o fim do programa de reconstrução, a Libéria começou a participar em operações multinacionais de manutenção da paz. A primeira foi em Junho de 2013, com a Missão Internacional de Apoio ao Mali, liderada por África, que rapidamente transitou para a Missão Multidimensional Integrada de Estabilização das Nações Unidas no Mali.

Até 31 de Maio de 2023, a Libéria contribuía com 169 soldados para as missões de manutenção da paz da ONU em todo o mundo. A participação da Libéria na manutenção da paz até meados de 2023 consistiu em efectivos espalhados pela República Democrática do Congo, Mali, Sudão do Sul e Abyei, uma pequena zona fronteiriça contestada entre o Sudão do Sul e o Sudão. A grande maioria dos soldados de manutenção da paz liberianos — 96% — serviu no Mali.

Soldados liberianos da 1.ª Companhia de Engenharia montam tendas em Tubmanburg, onde foi construído um centro de tratamento do Ébola em Outubro de 2014. GETTY IMAGES



Um soldado liberiano testa o seu transceptor durante uma aula de familiarização com o rádio em Camp Ware, Libéria, em Setembro de 2013. FORÇA AÉREA DOS EUA

“A Libéria é um exemplo do impacto tangível que a manutenção da paz tem nos países afectados por conflitos,” afirmou o Subsecretário-Geral das Nações Unidas para as Operações de Paz, Jean-Pierre Lacroix, em Novembro de 2022. “Durante várias décadas, acolheu operações de manutenção da paz na sequência de uma guerra civil. ... Hoje, a Libéria, por sua vez, envia ‘Capacetes Azuis’ para ajudar outros países a percorrer o difícil caminho entre o conflito e a paz.”

ORDEM EM CASA

Apenas alguns anos depois de ter recriado e relançado



as suas novas forças armadas com milhares de efectivos a menos, a Libéria teve de enfrentar um novo desafio: um surto multinacional de Ébola que matou mais de 11.000 pessoas, das quais mais de 4.800 eram liberianos.

Pensa-se que a pandemia teve origem na Guiné antes de se propagar principalmente para Libéria e Serra Leoa. O caos que se seguiu teria sido um grande desafio para qualquer exército, e muito pior para um novo.

“Foi uma experiência muito má para o nosso país,” o Coronel Roland T. Bai Murphy, assistente militar do Chefe do Estado-Maior das AFL, disse num episódio de Agosto de 2019 do podcast War Room. “Tínhamos acabado de recuperar de uma crise civil, estávamos a tentar construir a nossa economia, o nosso sector da saúde e o nosso sector da educação. E pimba! O Ébola chegou em 2013, e em 2014 tornou-se pior.”

As AFL começaram por tomar medidas para proteger as tropas e as suas famílias a pedido do governo, disse Murphy. À medida que o vírus se propagava, os soldados tiveram “de enviar forças de intervenção para todo o país para controlar o afluxo de pessoas da zona rural para Monróvia. E as coisas continuaram a piorar. Duas comunidades ficaram tão infectadas com o vírus que fomos obrigados a pô-las em quarentena, por ordem do governo, e tivemos de o fazer. Não foi algo agradável de fazer, mas tínhamos de o fazer para proteger a população em geral.”

Um soldado das Forças Armadas da Libéria participa no Dia das Forças Armadas em Monróvia, em Fevereiro de 2022.

CAPITÃO JOE LEGROS/GUARDA NACIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA



A Guarda Costeira Nacional da Libéria participa no exercício marítimo multinacional Obangame Express, no início de 2023.

SARGENTO E.W. JOHNSON/RELAÇÕES PÚBLICAS DAS AFL

Quando as forças americanas chegaram à Libéria para ajudar a combater a pandemia, o pessoal das AFL ajudou a construir unidades de tratamento do Ébola para tratar os doentes. Este trabalho colocou o novo exército na vanguarda das operações civis-militares durante uma crise grave.

UM REGRESSO AOS CÉUS

Apesar de todas as conquistas alcançadas nos últimos 13 anos, desde que as novas AFL foram formadas, há

um domínio que ainda precisa de ser desenvolvido: a componente aérea. Para iniciar o processo de construção de uma nova ala aérea, Johnson visitou a Nigéria em meados de 2022 e foi-lhe assegurado pelo então Chefe do Estado-Maior da Força Aérea Nigeriana, Marechal do Ar, Oladayo Amao, que o seu país ajudaria no esforço.

Amao comprometeu-se a formar pilotos liberianos e convidou as AFL a aproveitarem as escolas de formação técnica da Força Aérea Nigeriana para cursos de apoio em terra e de controlo do tráfego aéreo, de acordo com o Ministério da Defesa Nacional da Libéria.

A Nigéria também avaliou as instalações aéreas da Libéria para ajudar a planear o caminho a seguir. Em Novembro de 2022, um contingente nigeriano, liderado pelo Vice-Marechal do Ar Francis Edosa, visitou o Aeroporto James Spriggs Payne e o Aeroporto Internacional Roberts e falou com as autoridades da aviação da Libéria. “A intenção da visita é avaliar e ver se estamos a apontar na direcção certa e, com o tempo, as coisas que documentámos, como fazer estimativas, dar-nos-ão uma ideia sobre como avançar com o processo,” disse Edosa, de acordo com o Front Page Africa.

Johnson disse ao Front Page Africa que ainda é muito cedo para definir um calendário para a formação da ala aérea.

“As Forças Armadas da Libéria tinham aviões, mas, devido à guerra civil, nós próprios os destruímos,” disse à agência noticiosa. “O objectivo estratégico é cumprir com um documento constitucional — a Lei da Defesa Nacional de 2008 — que diz que as AFL precisam de três ramos — o exército, a Guarda Costeira da Libéria e as alas aéreas.”

Para além do requisito constitucional, é necessária uma ala aérea para apoiar as autoridades civis em tarefas como o transporte de recenseadores para zonas remotas, disse.

“A ala aérea das AFL é uma componente integral das AFL. As suas principais funções são a mobilidade aérea, o reconhecimento e as missões de busca e salvamento,” disse Johnson à ADF. “Desde a activação da 23.ª Brigada de Infantaria e, posteriormente, da LCG, a discussão sobre a activação da ala aérea tem estado em curso na hierarquia das AFL e do Ministério da Defesa Nacional e dos parceiros e aliados estrangeiros.”

Johnson disse que a antiga ala aérea das AFL utilizava três aviões ligeiros Cessna U-17C e aviões DHC-4 Caribou e IAI Arava renovados. Efectuou operações de reconhecimento e de busca e salvamento, utilizando pistas de aterragem geridas e mantidas por comunidades remotas.

“Estas pistas de aterragem ainda estão disponíveis, mas requerem um certo nível de renovação,” afirmou. “O mau estado de muitas das estradas e pontes da Libéria tem um impacto negativo no país. Durante uma emergência, isso cria um desafio para as AFL e

outras organizações responderem.”

O ideal seria dispor de aviões ligeiros de transporte utilitário de asa fixa, como o Dornier DO 228, e de aviões ligeiros de reconhecimento, como o Embraer EMB 314 A-29 Super Tucano, disse. Estas aeronaves podem efectuar operações em terra e no mar.

“Outra vantagem da activação da ala aérea é a inserção de tropas e logística em zonas de difícil acesso, a tempo de responder a ataques terroristas ou ao banditismo armado,” disse. “A lentidão na resposta a estes incidentes pode custar caro à segurança nacional.”



Soldados da Força de Intervenção contra o Ébola da Libéria impõem uma quarentena no bairro de West Point, em Monróvia, em 2014.

GETTY IMAGES

OLHANDO PARA O FUTURO

Os actuais dirigentes das AFL estão presentes desde o início dos esforços de reconstrução. Murphy, que foi o primeiro oficial superior das AFL a ser admitido na Escola de Guerra do Exército dos EUA, encontrava-se entre os recrutas do segundo grupo das novas AFL. Johnson e a Brigadeiro-General Geraldine George encontravam-se entre os primeiros membros. George foi a primeira mulher general das AFL e é actualmente a primeira mulher vice-Chefe do Estado-Maior. Incentivou as mulheres liberianas a considerarem uma carreira nas AFL.

Há alguns anos, um antigo embaixador dos Estados Unidos sugeriu uma alcunha para as novas AFL: “Força do Bem.” Pegou. Actualmente, as autoridades liberianas vêem o nome “como uma marca para o povo liberiano, reconstruindo e recuperando a confiança dos parceiros nacionais e internacionais,” disse Johnson à NewsAfrica em 2021.

Murphy manifestou um optimismo semelhante em relação ao futuro das AFL no podcast de 2019. “Penso que o que vamos procurar agora, nos próximos cinco anos, é ter uma força suficientemente robusta para responder às questões nacionais e regionais, ter uma força capaz de servir de construtora da nação e de implementar a paz, sempre.” □



O SEGUNDO CAMPO DE BATALHA

ENQUANTO A INSURGÊNCIA CONTINUA NO NORTE
DE MOÇAMBIQUE, OS SOLDADOS GANHAM TERRENO
ATRAVÉS DE **OPERAÇÕES CIVIS-MILITARES**

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

A primeira vista, um torneio de futebol, uma campanha de alfabetização, a distribuição de alimentos e uma clínica médica podem não parecer parte da luta contra o extremismo violento. Mas vários contingentes da força multinacional na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, estão a considerar estas operações úteis numa região tipicamente desprovida de tais serviços.

A Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM) está “a envolver as comunidades locais e a liderança, através de vários programas de construção comunitária, com o objectivo de ajudar as comunidades locais e a liderança a recuperar a normalidade e a confiança perdidas, através de actividades terroristas que marcaram a província de Cabo Delgado durante anos,” escreveu o Major Mosala K. Letshwiti, chefe de informação pública no quartel-general da força da SAMIM, na página do Facebook da missão, em Maio de 2023.

Para acabar com uma insurgência, é preciso mais do que apenas vencer no campo da batalha. Os soldados têm de lutar pelos corações e mentes dos civis afectados para que estes se tornem aliados na luta contra os extremistas violentos. Este trabalho é conhecido como operações civis-militares (CMO).

“Em termos de operações civis-militares e do valor que têm, são essenciais para qualquer tipo de esforço de contra-insurgência,” disse o Dr. Daniel Eizenga, investigador e especialista em CMO, no Centro de Estudos Estratégicos de África.

A província de Cabo Delgado tem estado sob o cerco de um grupo chamado Ansar al-Sunna desde 2017. Os insurgentes, conhecidos coloquialmente como al-Shabaab, embora não estejam ligados ao grupo somali, mataram mais de 4.700 pessoas até 9 de Julho de 2023, segundo o Cabo Ligado, uma página da internet que monitoriza a violência na região. O conflito provocou a deslocação de cerca de um milhão de pessoas.

As queixas políticas contra o Estado, exacerbadas por queixas comunitárias locais, são os principais elementos de uma insurgência, disse Eizenga à ADF. As CMO atenuam esta situação, através de vários programas e ajudas, que restabelecem a ligação das comunidades com o Estado de uma forma positiva através de “injeções de curto prazo na economia para ajudar a pôr o motor do desenvolvimento a funcionar novamente.”

As forças militares estão bem equipadas para esse tipo de trabalho, porque têm as cadeias organizacionais e logísticas necessárias em áreas que, de outra forma, poderiam não ter uma forte ligação aos serviços governamentais, disse Eizenga. Uma força como a SAMIM serve para “suavizar o terreno para o governo voltar a intervir” e estabelecer e manter serviços essenciais.

A ajuda aos civis em Cabo Delgado revela-se especialmente importante, visto que os insurgentes estão alegadamente a utilizar dinheiro e alimentos para tentar obter o apoio da população. As tropas da Força de Defesa do Lesoto (LDF) alertaram os residentes da aldeia de Nkongga para esta tática. Nkongga serviu de base aos insurgentes até que uma ofensiva da SAMIM, em Novembro de 2022, expulsou os militantes e permitiu o regresso dos residentes.

As forças da SAMIM efectuaram operações humanitárias como contingentes individuais e em combinação entre si. Um fornecedor proeminente das CMO foi a Equipa de Coordenação Civil-Militar Alfa, da Força Nacional de Defesa da África do Sul (SANDF), que chegou à província de Cabo Delgado em Julho de 2022.

A Equipa de Combate Alfa montou um acampamento de 500 metros quadrados, conhecido como Base de Mhlori, na zona de Macomia, pouco depois de

Em termos de operações civis-militares e do valor que têm, são essenciais para qualquer tipo de esforço de contra-insurgência “

— DR. DANIEL EIZENGA,
investigador do Centro de
Estudos Estratégicos de África

chegar. Em poucos meses, estava a ser construída uma pista de aterragem em Xinavane, a sul de Macomia.

A equipa trabalhou principalmente nos distritos de Macomia, Mueda e Nangade, prestando ajuda em campos para pessoas deslocadas internamente (PDI), até à sua retirada, em Abril de 2023.

Os soldados sul-africanos visitaram várias vezes o campo de deslocados internos de Xinavane, onde vivem 350 pessoas, na sua maioria em tendas. Em Julho de 2022, a equipa distribuiu pacotes de alimentos a escolas primárias que serviam mais de 3.500 alunos, de acordo com a SANDF. Os membros da equipa voltaram a distribuir alimentos em Novembro de 2022, angariando entre si dinheiro suficiente para comprar panes e pacotes de papas para acrescentar os produtos



FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



REPÚBLICA UNIDA DA TANZÂNIA

1. Os membros da Equipa de Combate Alfa da África do Sul doaram dinheiro para comprar calçado para as pessoas que vivem num campo de deslocados internos em Moçambique. **2.** Membros da Equipa de Combate Alfa separam roupas doadas. **3.** Crianças de um campo de deslocados juntam-se para receber sapatos e roupas doadas. **4.** Um soldado sul-africano ajuda a distribuir roupa a crianças num campo de deslocados internos. **5.** Soldados sul-africanos reúnem-se com os encarregados de educação do campo de deslocados internos de Xinavane. **6.** Espectadores assistem a um torneio de futebol realizado em Nangade.

SAMIM CMO

Cabo Delgado, uma das 10 províncias de Moçambique, tem sido palco da organização extremista violenta Ansar al-Sunna desde 2017. As operações civis-militares estão a ajudar as forças de segurança a conquistar as populações locais.



ILUSTRAÇÃO DA ADF

alimentares que tinham fornecido. Um mês depois, a equipa doou produtos de higiene feminina a mulheres e raparigas do campo de deslocados internos.

“A equipa de coordenação civil-militar da Equipa de Combate Alfa da África do Sul depende, sobretudo, da generosidade dos membros destacados, que até agora têm feito donativos ou contribuições do seu próprio bolso,” escreveu o comandante tenente N. Mhlongo, na página do Facebook da SANDF.

Para além de alimentos e outras ajudas, o pessoal sul-africano tencionava criar uma biblioteca para incentivar a alfabetização na região. O esforço começou com uma caixa de livros doada pelo Clube de Leitura Pernelopele em Polokwane, uma cidade da África do Sul.

O pessoal da LDF, em conjunto com os seus homólogos da Força de Defesa Popular da Tanzânia (TPDF), também conduziu uma série de acções civis-militares. Em Maio de 2022, os dois contingentes contribuíram com pacotes de alimentos para as pessoas que vivem no campo de refugiados de Nangade. Algumas das 200 pessoas que se encontravam no campo vivem lá há dois anos.

Nangade é o sector atribuído às tropas da LDF e da TPDF no âmbito da SAMIM.

“Estou a ficar sem palavras, porque, mesmo num único dia, nunca pensámos que soldados de países estrangeiros pudessem estender as suas mãos ao povo desamparado de Nangade,” disse o líder do campo, Selehe Saide, em nome dos refugiados.

As forças da LDF e da TPDF juntaram-se aos membros do pessoal do Centro de Saúde de Nangade para realizar um evento de serviços médicos no dia 12 de Maio de 2023. O evento médico, que assinalou o Dia Internacional dos Enfermeiros, prestou serviços gratuitos a 153 pessoas na vila de Nangade e nas aldeias vizinhas, incluindo cuidados primários, rastreio e tratamento da malária. As forças da SAMIM também doaram medicamentos ao centro.

Alguns dias depois, as tropas da LDF juntaram-se a outras equipas de futebol locais num torneio organizado pela polícia de Nangade para assinalar o Dia da Polícia. O pessoal médico prestou



Um enfermeiro sul-africano examina um bebê na província de Cabo Delgado. FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL

cuidados de saúde, exames e tratamentos a mais de 107 pessoas na aldeia de Alamba.

“Estamos a fazer o nosso melhor para cumprir a nossa missão, daí que nos vejamos sempre a patrulhar as vossas áreas e até a visitar as vossas aldeias para estabelecermos uma relação convosco,” o Tenente-Coronel Malefetsane Makhoahle, Comandante do Contingente da LDF, disse às equipas participantes e ao público presente no torneio.

Em Julho de 2023, o pessoal da LDF e da TPDF prestou serviços médicos aos residentes da aldeia do Quinto Congresso, no distrito de Nangade. O Tenente-Coronel Boiketsiso Fonane, vice-comandante do contingente da LDF, disse aos civis que deviam sentir-se à vontade para fazer as suas rotinas normais. “Somos os vossos protectores e os vossos amigos,” disse. “Pedimos-vos que depositem toda a confiança em nós. Estamos prontos para caçar os insurgentes onde quer que se escondam neste distrito. Nunca vos decepcionaremos e saibam que fazemos parte de vocês.”

A COORDENAÇÃO É ESSENCIAL

Pouco mais de um ano após o seu destacamento, em Julho de 2021, a SAMIM começou a mudar o seu foco de operações principalmente militares para uma combinação de operações militares, civis, policiais e correcionais, de acordo com a SADC.

O Major-General sul-africano, Xolani Mankayi, comandante da força da SAMIM, disse que a transição iria ver as componentes a trabalhar em conjunto para restaurar a paz e a estabilidade em Cabo Delgado. Apelou às partes interessadas para que apoiassem o Plano de Reconstrução de Cabo Delgado, que visa restaurar os serviços públicos, reconstruir as infra-estruturas e promover a recuperação socioeconómica.

PERFIL DA MISSÃO:

MISSÃO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL EM MOÇAMBIQUE (SAMIM)

A missão da SADC foi enviada para Moçambique a 15 de Julho de 2021, como resposta regional para ajudar o país a combater o terrorismo e os actos de extremismo violento contra civis em alguns distritos da província de Cabo Delgado.

O mandato da SAMIM inclui a neutralização das ameaças terroristas e o restabelecimento da segurança para criar um ambiente seguro, reforçar e manter a paz e a segurança e restabelecer a lei e a ordem nas zonas afectadas da província. Apoia igualmente Moçambique, em colaboração com as agências humanitárias, a continuar a prestar ajuda às populações afectadas pelo terrorismo, incluindo as pessoas deslocadas internamente.

Desde o seu destacamento, a SAMIM recapturou aldeias, desalojou terroristas das suas bases e apreendeu armas e material de guerra, o que ajudou a garantir uma passagem mais segura para o apoio humanitário.

Oito países da SADC enviaram tropas no âmbito da SAMIM. São eles Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia. As tropas da SAMIM trabalham com as forças moçambicanas e outras tropas, como as destacadas pelo Ruanda, para combater actos de terrorismo e extremismo violento.

Em meados de Julho de 2023, a SADC prorrogou o mandato da SAMIM por mais um ano.



O Comandante da Força da SAMIM, Major-General Xolani Mankayi, da África do Sul, à direita, fala durante a formação de integração das tropas recém-chegadas ao quartel-general da força em Pemba, Moçambique, em 2023. SAMIM

Um soldado sul-africano ajuda a calçar um par de chinelos a uma criança. FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL



Em Julho de 2022, a SAMIM acolheu novas tropas na missão. Nessa altura, o Brigadeiro Simon M. Barwabatsile, do Botswana, vice-comandante da força da missão, explicou a importância da assistência humanitária aos recém-chegados. “Na nossa realização como colectivo, precisamos do envolvimento civil para desempenhar vários papéis, como a realização de programas de construção de confiança, a fim de eliminar a desconfiança na nossa sociedade na província de Cabo Delgado,” disse, de acordo com um vídeo do SA Defence News. “A coesão continua a ser a nossa pedra angular para promover a paz e a segurança, bem como para sustentar o desenvolvimento socioeconómico na província de Cabo Delgado.”

Enquanto as forças da SAMIM procuram alargar a sua acção de proximidade com os civis, seria essencial conhecer os parceiros humanitários e os seus diferentes mandatos e responsabilidades. Para o efeito, a SAMIM e o Gabinete de Coordenação de Assuntos Humanitários das Nações Unidas realizaram uma formação de integração sobre assuntos humanitários para os novos membros da Força de Defesa do Botswana estacionados em Pemba durante o mês de Abril de 2023.

A formação incluiu o quadro jurídico internacional aplicado aos deslocados internos, os princípios da acção humanitária, a legislação internacional em matéria de direitos humanos e os vários intervenientes humanitários na região.

Em meados de 2023, a SAMIM continuava a fazer progressos na sua luta contra os insurgentes. O Governador de Cabo Delgado, Valige Tauabo, disse à rádio Zumbo FM, em Junho de 2023, que mais de 400.000 deslocados internos tinham regressado a casa.

Enquanto a SAMIM continuar em Cabo Delgado, será importante que a missão entregue gradualmente o trabalho de prestação de serviços essenciais ao governo moçambicano. Será um desafio, disse Eizenga. Será necessário um envolvimento político mediado entre as autoridades locais e os funcionários nacionais fora da capital, Maputo, para ajudar a concretizar este objectivo.

“O que se torna crucial é que eles possam passar o testemunho em algum momento.” □



LEÃO AFRICANO

Um Salto em Frente na Cooperação

EQUIPA DA ADF

Um membro das Forças Armadas da Tunísia faz um salto em queda livre a partir de um helicóptero UH-60 Black Hawk, no dia 31 de Maio de 2023, na Área de Treino de Ben Ghilouf, na Tunísia. Ele participou com cerca de 8.000 pessoas de 18 países no Leão Africano 2023, o maior exercício anual conjunto combinado do Comando dos EUA para África, de 13 de Maio a 18 de Junho. O exercício também teve lugar no Gana, em Marrocos e no Senegal. O objectivo do Leão Africano é melhorar as parcerias entre as forças armadas africanas, norte-americanas e outras forças armadas internacionais; aumentar a interoperabilidade; e reforçar as capacidades de defesa partilhadas e a cooperação para combater as ameaças transnacionais e as organizações extremistas violentas. A edição de 2023 incluiu exercícios de fogo real de armas combinadas; uma componente marítima; entrada forçada conjunta de paraquedistas num exercício de treino no terreno; dois exercícios de resposta química, biológica, radiológica e nuclear; e três eventos de assistência cívica humanitária.



UM NOVO CAMINHO PARA A PAZ

A Fundação
Principles for Peace
Oferece Recursos
e Estratégias a
Países que Tentam
Resolver Conflitos

EQUIPA DA ADF



Burundêses marcham em Bujumbura, em 2017, pelas conversações de paz destinadas a resolver quase dois anos de crises políticas mortais. AFP/GETTY IMAGES

Ao regressar à sua cidade natal, Bujumbura, Frederic Gateretse-Ngoga acordava todas as manhãs com um forte sentido de lugar e de objectivo.

Era Novembro de 2022 e ele estava de volta à capital do Burundi, no meio das cores, cheiros, azáfama e agitação familiares, a fim de acolher um diálogo regional de pessoas reunidas para promover uma nova abordagem à resolução de conflitos, denominada Principles for Peace (P4P), ou Princípios da Paz.

A apenas 15 quilómetros de distância, localizava-se a parte oriental da República Democrática do Congo (RDC) — um campo de batalha encharcado de sangue, com vários exércitos, grupos rebeldes, militantes extremistas, dezenas de milícias armadas e milhões de civis a clamar por paz e protecção.

“Todas as manhãs, quando acordamos em Bujumbura, vemos as

montanhas do leste da RDC,” disse Gateretse-Ngoga à ADF.

A própria história violenta do Burundi também pesou na sua mente.

Filho de um diplomata, Gateretse-Ngoga viu a sua adolescência e juventude serem marcadas por genocídios, guerras civis, golpes de Estado e inúmeras mortes. Entre essas mortes estavam as de dois dos seus primos mais novos.

“As suas mortes marcaram-me muito,” disse. “Apercebi-me de que não havia uma única família no Burundi que não tivesse sido afectada pelos ciclos de violência.”

Esses acontecimentos e perdas forjaram o seu futuro como pacificador.

Como Conselheiro Principal da União Africana para as Parcerias Internacionais, dirigiu também a Divisão de Alertas Antecipados e Prevenção de Conflitos, no Departamento de Paz e Segurança da UA, e desempenhou funções de oficial superior na missão de manutenção da paz da UA na Somália.

Actualmente, como membro da Comissão Internacional para a Paz Inclusiva da P4P, Gateretse-Ngoga está a trabalhar para fazer da P4P e do seu Pacto de Pacificação a norma

para os princípios de pacificação. É uma referência que os mediadores, os governos e os organismos regionais e internacionais podem utilizar para traçar um caminho para uma paz sustentável antes, durante e depois do conflito.

A reunião em Bujumbura foi uma das centenas de compromissos que ao longo de dois anos deram forma aos Princípios.

Com as montanhas de Itombwe como pano de fundo, uma sala de conferências repleta de pacificadores veteranos, activistas, sobreviventes e optimistas inabaláveis debateu o passado e o presente violentos da região, procurando dar sentido às ondas que se formam entre eles.

DESAFIOS ANTIGOS, NOVOS PRINCÍPIOS

A lista de conflitos em África é longa. Mais de 30 conflitos estão a afectar centenas de milhões de pessoas em todo o continente. Alguns são de carácter estatal; outros de carácter comunitário. Todos eles são devastadores para as sociedades e comunidades, custando vidas, perspectivas económicas e coesão social.

Concluídos em Janeiro de 2023,



O tenente-general canadiano reformado, Roméo Dallaire, antigo comandante da Missão de Assistência das Nações Unidas para o Ruanda, à esquerda; Hiba Qasas, ao centro; e Frederic Gateretse-Ngoga são membros da Comissão Internacional para a Paz Inclusiva.

Foram necessários dois anos e centenas de compromissos para criar e aperfeiçoar os Princípios da Paz. A FUNDAÇÃO PRINCIPLES FOR PEACE



os Princípios oferecem um roteiro concreto e mecanismos de acompanhamento que, segundo os seus organizadores, se articularão com os esforços dos governos, das autoridades regionais e dos organismos internacionais.

A directora-executiva da Fundação P4P, Hiba Qasas, oriunda dos territórios palestinianos, afirma que a sua organização pretende criar um movimento para revolucionar a construção da paz.

“Crescer numa zona de conflito influenciou profundamente o meu percurso,” disse à ADF. “Testemunhei em primeira mão a dura realidade da perda e do sofrimento.”

Os princípios, disse ela, estão a trazer o conceito de paz social para a construção da paz para construir “um ambiente livre de conflitos e insegurança, com justiça e liberdade de

expressão respeitadas, com direitos protegidos.”

O espaço de pacificação e estabilização carecia anteriormente de um conjunto comum de normas, afirmou, referindo o impacto dos princípios humanitários da Cruz Vermelha, alguns dos quais foram adoptados pelas Nações Unidas em 1991.

“É como o Faroeste,” disse Qasas. “Esta ausência levou a que vários actores se envolvessem na construção

da paz, utilizando abordagens diferentes, partindo de pressupostos diferentes e medindo o sucesso de forma diferente.”

Quando as partes em conflito concordam em cessar-fogo ou em pôr termo a um litígio, existe um risco significativo de regresso ao conflito. Quase metade dos conflitos mundiais desde 1989 repetiram-se, alguns até três vezes. Mais de 2 bilhões de pessoas vivem em Estados frágeis e

Especialistas e activistas participam no diálogo regional da Comissão Internacional para a Paz Inclusiva em Bujumbura, de 22 a 24 de Novembro de 2022. A FUNDAÇÃO PRINCIPLES FOR PEACE



afectados por conflitos, sofrendo as consequências directas e indirectas da violência e da insegurança.

“Existem grandes lacunas na actual abordagem de restabelecimento da paz, que constituíram um importante factor de motivação para a criação da Fundação P4P,” afirmou Qasas. “Demasiadas vezes a paz falha quando não é suficientemente legítima, inclusiva ou transformadora.”

Os três princípios fundamentais do Pacto de Paz da organização são a dignidade, a solidariedade e a humildade. Estes abordam a necessidade de enraizar os esforços de restabelecimento da paz de forma moral e ética para promover a confiança e o respeito.

Os dois princípios seguintes — reforço da legitimidade e segurança

responsável — servem de base para alcançar uma paz duradoura.

Três princípios finais sublinham os compromissos necessários para reforçar a pacificação: promover o pluralismo; adoptar a subsidiariedade, que estabelece que as questões devem ser tratadas ao nível mais local; e defender soluções integradas e híbridas.

“É crucial reconhecer que alcançar a paz política não é suficiente,” disse Qasas. “A pacificação deve ser vista como um esforço mais vasto para transformar as relações entre o Estado e a sociedade.

“Deverá melhorar a capacidade de resposta e a responsabilização dos mecanismos de governação, proporcionar benefícios reais às comunidades e resolver as fracturas sociais subjacentes.”

Os Princípios da Paz fornecem estas normas como um guia prático e uma ferramenta de responsabilização. Destinam-se a servir de quadro para a criação e aplicação de acordos de paz, abordando simultaneamente os principais factores de conflito num processo mais inclusivo.

Os Princípios foram o produto de 700 estudos de caso e 150 consultas em mais de 60 países, nos quais a P4P colaborou com milhares de partes interessadas de todo o mundo, a nível local e estatal, para aprender com as experiências e ouvir as pessoas mais afectadas pelos conflitos.

Qasas descreveu um processo em que ela e outros líderes organizacionais mantiveram diálogos com actores pacíficos e actores armados não estatais. Falaram com os “spoilers,” que são membros de grupos que são excluídos de um processo de paz ou que se excluem a si próprios e usam a violência para atacar o processo.

“Nalguns casos, quando se fala com diferentes círculos eleitorais, eles dizem: ‘Não fizemos parte do processo,’” disse ela em Bujumbura. “A paz é feita para nós, não é feita connosco e não somos necessariamente donos dela.”

Desiré Yamuremye, um padre jesuíta que foi membro da Comissão de Verdade e Reconciliação no Burundi, falou durante a reunião de Bujumbura e disse que a maioria dos

Redwan Hussein, à esquerda, representante do governo etíope, e Getachew Reda, representante da Frente de Libertação do Povo de Tigré, apertam as mãos num acordo de paz em Pretória, África do Sul, no dia 2 de Novembro de 2022. AFP/GETTY IMAGES





acordos de paz feitos na sequência de conflitos não reflectem as realidades no terreno. Eles não têm em consideração os prejuízos económicos e o trauma psicológico da população.

“Para que um conflito seja transformado em paz efectiva, deve haver progresso económico que é visto como estando aberto para todos,” disse Yamuremye. “A paz social é mais importante do que um acordo negociado politicamente.

“A ausência de guerra não significa necessariamente paz.”

‘DÊEM-LHE PERNAS’

Os Princípios da Paz conta com cinco patrocinadores estatais — Dinamarca, Alemanha, Países Baixos, Suécia e Suíça — e mais de 100 organizações não-governamentais apoiam-nos.

Em Maio de 2023, os Princípios da Paz foram reconhecidos como um importante quadro de referência comum e normas comuns entre os intervenientes na construção da paz no Debate Aberto de Alto Nível do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Os Princípios foram lançados a 10 de Julho de 2023, nas Filipinas,

onde estão a servir de instrumento de responsabilização para acompanhar a implementação do processo de paz de Bangsamoro.

Em África, a organização realizou intercâmbios com a UA, o bloco regional da Comunidade da África Oriental e os líderes da Somália, que estão a elaborar planos para lançar uma iniciativa de Princípios da Paz no país.

Qasas está entusiasmada e tem grandes ambições relativamente a esta fase de implementação dos Princípios. Disse estar determinada a que este trabalho “não seja apenas palavras numa página a ganhar poeira.” Ela gosta particularmente de falar sobre a implementação com a frase “Vamos dar-lhe pernas.”

“O que verdadeiramente me inspirou e comoveu foi a energia inabalável da juventude, a paixão da sociedade civil e a liderança esclarecida que emergiu de vários sectores,” disse sobre a sua jornada de 20 anos como pacificadora. “A sua determinação colectiva levou-nos a avançar, quebrando barreiras e desafiando o status quo.”

Olhando para os conflitos em África e no mundo, Gateretse-Ngoga

Forças de segurança rivais do Sudão do Sul levantam as mãos após uma reunião em Juba, no dia 8 de Abril de 2022. AFP/GETTY IMAGES

vê uma necessidade urgente de dar aos pacificadores uma caixa de ferramentas actualizada.

“As pessoas não têm de morrer por causa da forma como nasceram, do seu género ou crença,” afirmou. “Infelizmente, olhando para o que está a acontecer a nível mundial, parece que não aprendemos a lição.”

O seu objectivo é encontrar “fazedores de barulho,” pessoas cujas vozes a favor da paz possam ser amplificadas pela Fundação Princípios da Paz.

“Há uma normalização da intolerância no nosso discurso público e estamos a achar que não há problema,” afirmou. “Estamos a chegar onde nunca chegámos, mesmo em termos da forma como nos tratamos uns aos outros.

“A verdade é que as pessoas que têm os seus valores correctos e que têm uma humanidade comum têm o dever de lutar. Mas todos nós já fomos tímidos.” □





MANUTENÇÃO DA PAZ

que Coloca as Pessoas em Primeiro Lugar

Protestos Dirigidos às Forças de Manutenção da Paz da ONU Descredibilizam as Missões. Especialistas Partilham Formas de Reconquistar o Apoio das Comunidades de Acolhimento.

EQUIPA DA ADF

O Major-General Emmanuel Kotia lembra-se de ter sido destacado para o Líbano em 2006 para comandar o batalhão ganês da Força Interina da ONU no Líbano (UNIFIL).

Algumas aldeias do sul da sua área de responsabilidade tinham sido ocupadas e gravemente destruídas durante a guerra. Os residentes tinham sido obrigados a fugir e, ao regressarem a casa, a sua raiva era palpável.

“Ficaram de rastros,” disse à ADF. “Quando as pessoas regressavam às aldeias, não queriam ver nenhum veículo da ONU a passar na estrada.” Ele disse que os civis acreditam que a ONU deveria ter feito mais para evitar ataques.

Kotia decidiu dirigir-se aos líderes tradicionais conhecidos como mukhtars e oferecer ajuda do seu batalhão. “Eu disse: ‘Olha, estamos aqui para vos apoiar. O que pode ter acontecido, aconteceu, mas vamos perdoar e esquecer,’” recordou. “Então, tomava café com eles, conversava com eles, ia ter com eles e

Uma mulher congoleza com uma criança atravessa uma estrada em frente às forças de manutenção da paz em patrulha na cidade de Kiwanja, na República Democrática do Congo.

REUTERS



O Major-General Emmanuel Kotia, do Gana, discursa, em 2019, quando era comandante do Sector Ocidental da Missão de Manutenção da Paz da ONU na República Democrática do Congo.

MONUSCO

isso provavelmente fê-los mudar de ideia.”

Na segunda vez que se encontrou com os líderes locais, a conversa foi mais aberta. Enquanto antes insistiam que não queriam nem precisavam da ajuda da ONU, agora admitiam que precisavam apenas de um pouco de ajuda. Pediram à ONU que utilizasse o seu equipamento para deslocar um contentor que estava a bloquear uma estrada. Kotia fez com que isso acontecesse imediatamente.

Este pequeno gesto, segundo ele, abriu a porta a uma parceria civil-militar mais forte. Em pouco tempo, a ONU estava a oferecer à comunidade água potável, através dos seus camiões-cisterna, e serviços de saúde, através do seu pessoal médico.

“Uma das questões fundamentais que as missões de manutenção da paz devem ter como parte do seu mandato ou conceito de operações é que a vida dos civis que estão a proteger deve ser melhorada,” disse Kotia. “Se não houver uma melhoria da qualidade de vida, a operação de manutenção da paz não será bem recebida.”

Kotia escreveu um livro intitulado “As Forças Armadas do Gana nas Operações de Paz no Líbano e na Libéria” e serviu em missões no Camboja, na República Democrática do Congo (RDC), na Libéria, no Ruanda, no Sahara Ocidental e noutros locais. Ele afirmou que a compreensão das relações civis-militares na manutenção da paz é mais importante do que nunca. A ONU tem enfrentado protestos violentos contra a sua presença na RDC e no Mali. Kotia e outros especialistas ofereceram orientações sobre como obter a aceitação das comunidades anfitriãs e tornar as missões mais eficazes.

GERIR EXPECTATIVAS

Embora os especialistas digam que é importante que a população veja os benefícios de uma operação de manutenção da paz, também alertam para o facto de as pessoas precisarem de conhecer os limites das capacidades e do mandato das forças de manutenção da paz.

Muitas vezes, os civis ficam zangados, porque existe um fosso entre o que as forças de manutenção da paz podem fazer e o que os civis esperam delas.

“Já vimos as forças de manutenção da paz regressarem e dizerem que a comunidade esperava que respondêssemos a todas as questões: fornecimentos médicos, alimentos, acesso a transportes, lidar com infra-estruturas, lutar contra as pessoas que consideram uma ameaça,” Ouiem Chettaoui, responsável sénior de programa, que trabalha na formação em gestão de conflitos para as forças de manutenção da paz no Instituto da Paz dos EUA (USIP), disse num webinar.

É fundamental comunicar o que uma missão pode e não pode fazer. Para tal, é necessário o envolvimento da comunidade, através de eventos como reuniões públicas, emissões de televisão e rádio e outros esforços de alcance. “Se a expectativa é que a missão de manutenção da paz resolva problemas que estão fora ou além da sua capacidade, isso cria um problema de confiança,” disse Chettaoui. “Por isso, a gestão das expectativas é essencial

e a comunicação direccionada é essencial.”

Chettaoui disse que cada pessoa numa missão deve conhecer o mandato e os objectivos da missão para poder comunicá-los claramente quando interage com o público. Uma acção eficaz de sensibilização do público também ajuda a missão a combater a desinformação, que pode envenenar a relação entre os civis e as forças de manutenção da paz.

“Toda a gente precisa de conhecer exactamente os pontos de discussão sobre os objectivos da missão e o que esta pode razoavelmente alcançar naquele momento,” disse Chettaoui.

ENCONTRAR PROJECTOS DE IMPACTO RÁPIDO

No início de uma missão, é importante que a população veja benefícios tangíveis da presença das forças de manutenção da paz. Uma forma de o fazer é através de um “projecto de impacto rápido” que melhore a vida do



público e que, ao mesmo tempo, dê credibilidade às forças de manutenção da paz.

Kotia recordou que o contingente italiano da UNIFIL enfrentou uma forte resistência à sua presença. Os aldeões viajavam as forças de manutenção da paz e atiravam pedras aos seus veículos. Aconselhou o comandante italiano a dirigir-se aos chefes locais e perguntar-lhes sobre o que precisavam, com ênfase em algo que pudesse ser realizado rapidamente.

Tornou-se evidente que os libaneses necessitavam de melhorias nas estradas e de outro tipo de assistência. Os italianos puderam lançar um projecto de renovação de estradas e a dinâmica civil-militar mudou completamente. “Isso tornou-os queridos para o povo,” disse Kotia.

Estes projectos de impacto rápido podem ser pequenos, como a perfuração de um poço de água, ou podem ser mais complexos, como a melhoria do acesso à electricidade ou a melhoria dos caminhos-de-ferro. A desminagem

é uma outra necessidade vital em muitos países afectados pela guerra. A chave, dizem aqueles que lideraram as missões, é que a comunidade veja os resultados.

“As operações de manutenção da paz devem apresentar estratégias de projectos de impacto rápido que melhorem a vida das pessoas no mais curto espaço de tempo possível,” afirmou Kotia.

ACEITAR RESPONSABILIZAÇÃO

Por vezes, as missões de manutenção da paz perdem a credibilidade devido a actos ilícitos, como a exploração sexual ou a violência contra civis. Noutros casos, a sua incapacidade ou falta de vontade de actuar perante uma ameaça aos civis quebrou a relação. No leste da RDC, por exemplo, os casos em que as forças da ONU não intervieram para impedir os massacres dos rebeldes tornaram-se um grito de guerra para os manifestantes que pediam o fim da missão.



Famílias deslocadas pelo conflito observam a passagem de uma coluna das forças de manutenção da paz da missão da ONU na República Centro-Africana. Os especialistas acreditam que uma relação de confiança entre os civis e as forças de manutenção da paz é fundamental para o êxito da missão. AFP/GETTY IMAGES

“Precisamos de reforçar o nosso mecanismo de responsabilização enquanto Nações Unidas,” Claudía Croci, especialista sénior do Instituto das Nações Unidas para a Formação e Investigação, disse num webinar. “Se algo não vai na direcção certa, penso que temos de fazer uma pausa e tentar perceber: ‘Porque é que isto correu tão mal e o que vamos fazer para corrigir?’ E mostrar às comunidades que existe um sistema de responsabilização.”

Isso pode incluir fóruns públicos em que a ONU explica as suas acções e as medidas concretas que está a tomar para melhorar. A ONU interage com o público através das suas equipas de protecção conjunta, das redes de alerta comunitário e do pessoal da missão responsável pelo envolvimento comunitário. Ainda assim, dizem os especialistas, é possível fazer mais.

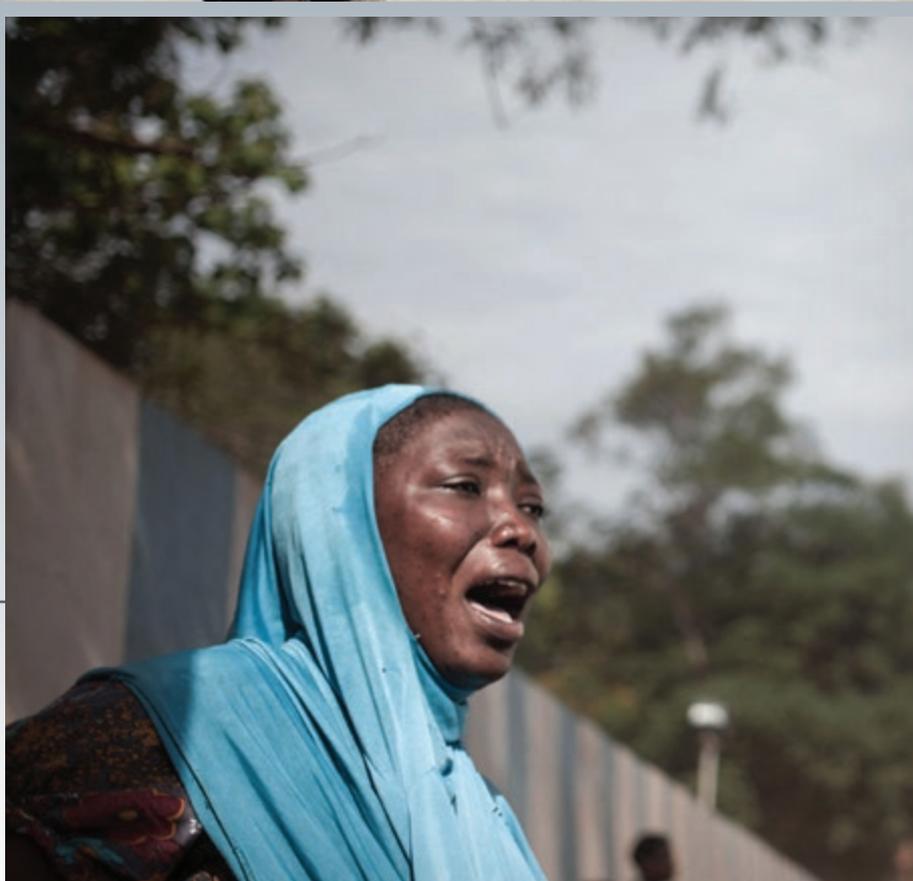
“Se algo correr mal, não basta dizer ‘Lamentamos, algo correu mal,’ mas mostrar que há consequências, que as pessoas são responsabilizadas, é muito importante para evitar esta situação,” disse Croci.

Em 2015, a ONU publicou a sua Política de Responsabilização de Conduta e Disciplina em Missões de Campo, reforçando as punições para o pessoal que cometeu abusos. Por exemplo, as forças de manutenção da paz da ONU acusadas de disparar balas reais contra manifestantes do lado de fora de um armazém em Goma, na RDC, em Julho de 2022, foram presas, e a ONU emitiu um pedido formal de desculpas, chamando o incidente de “indescritível e irresponsável.”

“Parem e tentem perceber por que isso aconteceu e, se houve um erro, reconheçam,” apelou Croci. “Somos humanos, podemos cometer erros. Mas devemos reconhecê-los.”

Acrescentou ainda que uma atitude de impunidade ou indiferença é uma forma rápida de os soldados da paz se afastarem da população que estão a proteger. “Não o aceitaríamos enquanto indivíduos; porque haveríamos de esperar que as comunidades onde intervimos, mas onde somos acolhidos, o aceitassem?”

Uma mulher junto a um veículo blindado operado pela missão da ONU na República Centro-Africana. A relação civil-militar em muitas missões de manutenção da paz da ONU tem sido afectada por questões que incluem respostas lentas a ameaças, má conduta dos soldados da paz e desinformação. AFP/GETTY IMAGES





Uma rapariga com uma criança ao colo passa por soldados de manutenção da paz da ONU depois de fortes chuvas e inundações terem forçado centenas de milhares de pessoas a abandonar as suas residências na cidade de Pibor, no Sudão do Sul. As relações civis-militares são reforçadas quando as forças de manutenção da paz ajudam em momentos de necessidade. REUTERS

CONHECER A CULTURA E ESTAR PRONTO PARA MEDIAR

Durante o tempo que passou no Líbano, Kotia viu algumas forças de manutenção da paz quebrarem tabus locais, como beber álcool abertamente. Num país maioritariamente muçulmano, este acto pode desacreditar toda a força aos olhos dos civis e dificultar o trabalho da ONU.

Segundo ele, a educação cultural precisa de ser incorporada na formação antes do destacamento.

“As tropas têm de estudar o ambiente, tem de lhes ser explicado e têm de conhecer os costumes das pessoas,” disse Kotia. “Isso ajuda-os a apreciar o tipo de pessoas que vão encontrar e como se podem relacionar com elas.”

A ONU e o USIP estão a incorporar mais cenários da vida real na formação oferecida às forças de manutenção da paz.

Chettaoui disse que essas ferramentas podem levar a melhores interações civis-militares e promover formas alternativas de resolução de conflitos, como a mediação e a resolução colaborativa de problemas. Desta forma, disse ela, a comunidade verá que as forças de manutenção da paz podem mediar disputas em vez de “fechar os portões se as coisas ficarem muito difíceis ou sacar as armas.”

“É necessário equipá-los com as ferramentas de como negociar, como mediar, como resolver um problema sem recorrer à violência,” disse Chettaoui.

Croci disse que, à medida que a ONU reforma o seu treino de pré-destacamento, está a trabalhar para apresentar aos soldados de manutenção da paz os tipos de cenários complexos e carregados que irão enfrentar quando estiverem no terreno.

“A formação está directamente relacionada com as experiências que irão viver quando forem destacados,” disse. “A preocupação era dar aos soldados de manutenção da paz as ferramentas práticas para operarem e fazerem a diferença quando forem destacados. Não se trata de teoria..., mas de como isso se traduz no trabalho do dia-a-dia.” □



Filhos do DESESPERO

À Medida que os Ataques Militares e o Sectarismo Reduzem as Suas Fileiras, Extremistas Recorrem a Crianças-Soldado na Bacia do Lago Chade

EQUIPA DA ADF

O vídeo de 27 minutos mostra como um dos grupos extremistas mais ferozes da bacia do Lago Chade transforma crianças dos 8 aos 16 anos em radicais religiosos, extremistas armados e assassinos.

Intitulado “The Empowerment Generation” (A Geração do Empoderamento), o filme de propaganda, de Janeiro de 2022, é da “Escola de Cadetes do Khilafah [Califado]” da Província da África Ocidental do Estado Islâmico (ISWAP). Trata-se do vídeo mais detalhado do grupo do Estado Islâmico (EI) sobre crianças divulgado até à data, segundo a Fundação Jamestown. “O objetivo é mostrar um dia na vida de um recruta da escola,” diz a fundação.

As crianças passam os seus dias a recitar o Alcorão, a rezar e a estudar o Islão e a língua árabe. “Há também uma sessão em que vêem vídeos de propaganda do EI e outra que envolve duas sessões de treino físico que incluem defesa pessoal e treino de armas,” relata a fundação. “Perto do fim do vídeo, as crianças são finalmente vistas a participar em exercícios de guerra urbana

Antigos militantes do Boko Haram e da Província da África Ocidental do Estado Islâmico esperam ser libertos do campo de Hajja, em Maiduguri, Nigéria, em Maio de 2023, após um programa de reabilitação de cinco meses.

AFP/GETTY IMAGES





Usando as mãos para proteger a sua identidade, este adolescente, que anteriormente esteve associado a grupos de milícias armadas na região do Sahel, vivia numa casa segura na capital do Níger, Niamey, com mais 40 pessoas. GETTY IMAGES

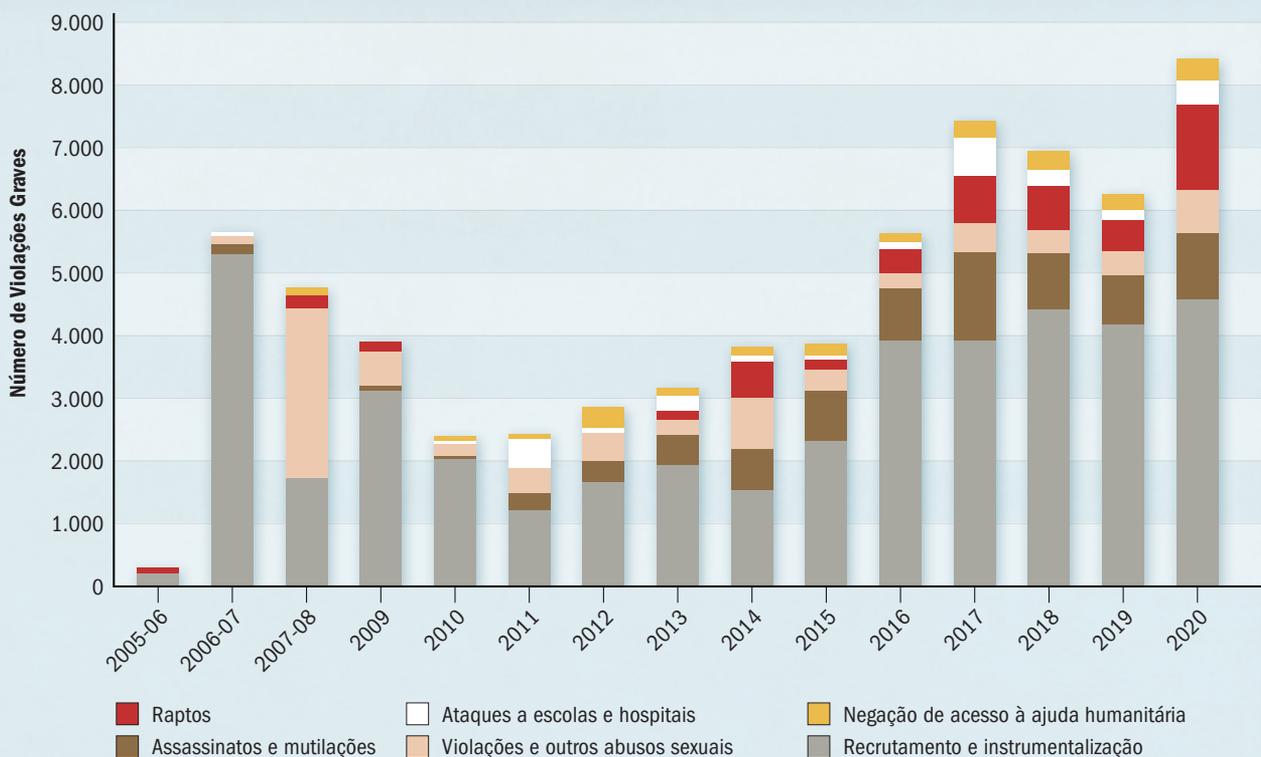
em que se deslocam para um edifício abandonado de uma forma altamente coordenada. Capturam vários reféns, que na realidade são soldados nigerianos capturados pela ISWAP em combates anteriores, e depois executam-nos.”

O vídeo sugere que estes “Filhotes do Califado,” como o EI chama às crianças recrutadas, fazem parte da estratégia a longo prazo da ISWAP para reabastecer e rejuvenescer as suas fileiras.

Enquanto o conflito se desenrola na região da Bacia do Lago Chade, o remanescente do Boko Haram conhecido como Jama’u Ahlis Sunna Lidda’awati wal-Jihad (JAS) e o seu ramo ISWAP continuam a combater-se mutuamente, mesmo quando perdem terreno, devido a um exército nigeriano armado com novos meios letais e uma nova determinação.

Pouco depois de a Nigéria ter começado a bombardear as posições do Boko Haram e da ISWAP a partir do ar, em 2021, com uma dezena de aviões de ataque ligeiro A-29 Super Tucano recentemente adquiridos, milhares de combatentes, os seus familiares e associados começaram a emergir da região para se desarmarem e se renderem.

Graves Violações Contra Crianças na África Central e Ocidental*



*Para a consolidação do número total de violações graves por ano, o número de crianças afectadas é utilizado para “Recrutamento e instrumentalização,” “Assassinatos e mutilações,” “Violência sexual” e “Rapto,” enquanto o número de incidentes é utilizado para “Ataques a escolas e hospitais” e “Negação de acesso à ajuda humanitária”

Fonte: Relatório anual do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre crianças e conflito armado, 2005-2021.

Em Março de 2022, o Chefe do Estado-Maior da Defesa da Nigéria, Major-General Christopher Musa, disse que pelo menos 7.000 “insurgentes, incluindo combatentes, não combatentes, soldados de infantaria, juntamente com as suas famílias, continuavam a depor as armas em diferentes partes de Borno para aceitar a paz,” segundo a agência noticiosa da Nigéria.

Algumas notícias de finais de 2022 e do início de 2023 indicavam que mais de 80.000 homens, mulheres e crianças associados às organizações extremistas violentas (OEV) se tinham rendido aos militares.

Estes factores combinaram para fomentar um sentimento de pânico entre os insurgentes. A ISWAP, mais dominante, voltou-se para o recrutamento de crianças combatentes e procura uma causa comum com outras filiais do EI na região do Sahel, disse o Dr. Folahanmi Aina, investigador nigeriano e investigador do grupo de reflexão sobre segurança e defesa do Royal United Services Institute, em Londres.

“Antes de mais, é interessante notar que a ISWAP está actualmente muito desesperada e que sofre pesadas perdas, não necessariamente em resultado dos ataques militares contra ela; essa é uma parte da situação,” disse Aina à ADF.

“Por um lado, é correcto dizer que a utilização dos Super Tucanos fez pender radicalmente o campo de batalha a favor da Nigéria, tendo em conta que se trata de meios aéreos de precisão destinados a alvos de precisão durante o combate aéreo,” disse Aina. “Mas também devemos ter o cuidado de não atribuí-lo apenas a esse facto. Por isso, o que eu estaria mais inclinado a dizer é que se trata de uma combinação de vários factores. Sim, um deles são olhos melhorados no céu. Mas também uma melhoria no que diz respeito aos nossos recursos humanos no terreno, ou seja, uma melhoria em HUMINTS — inteligência humana.”

Nos últimos anos, a ISWAP tem procurado distinguir-se do JAS, evitando ataques indiscriminados contra civis, em especial contra outros muçulmanos. Desta forma, a ISWAP conseguiu integrar-se nas comunidades civis da região e obter o seu apoio.

“Parece que a suposta estratégia da ISWAP de não visar civis desviou a atenção do seu recrutamento de jovens rapazes,” escreveram Malik Samuel e Oluwale Ojewale no seu artigo “Children on the battlefield: ISWAP’s latest recruits” para o Instituto de Estudos de Segurança (ISS), em Março de 2022.

“Os maus tratos infligidos a civis, nomeadamente a utilização de jovens em combate, a escravatura de mulheres e raparigas e a morte de crianças à fome foram algumas das razões que levaram à divisão do Boko Haram,” refere o artigo do ISS. “A ISWAP criticou [o falecido líder do JAS, Abubakar] Shekau, em particular, por ter causado a morte de muitas crianças. Seria de esperar que a ISWAP agisse de forma diferente, mas as recentes perdas de combatentes em combate, os confrontos com o JAS e a deserção de membros podem tê-lo obrigado a repensar a sua posição relativamente às crianças-soldado.”

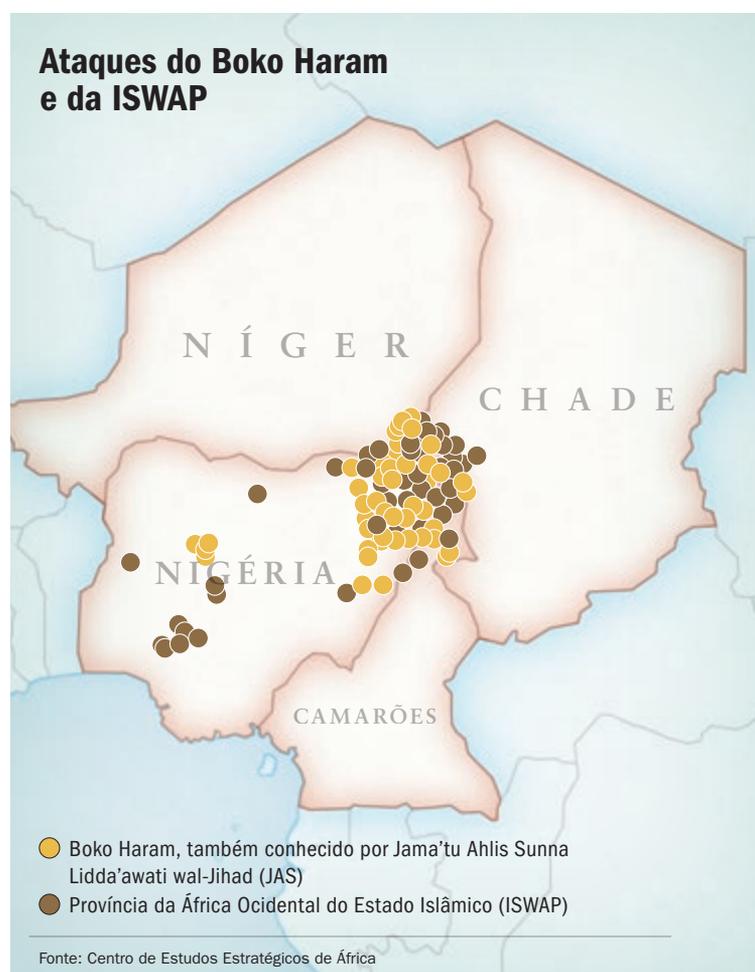
O Dr. Daniel Eizenga, investigador do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), resumiu a situação da seguinte forma à ADF: “Isso mostra-nos que, ideologicamente, estas organizações extremistas são bastante inconstantes.”

UMA TRAGÉDIA REGIONAL

De acordo com um relatório das Nações Unidas de 2021, a região da África Central e Ocidental lidera o ranking mundial de ameaças graves contra crianças, incluindo o recrutamento e a utilização de crianças como combatentes. De 2016 a 2021, a região ficou em primeiro lugar a nível mundial, com mais de 21.000 crianças recrutadas e utilizadas por grupos armados não estatais. Também ficou em primeiro lugar no que diz respeito às crianças vítimas de violência sexual, com mais de 2.200 violações registadas. Os mais de 3.500 casos de raptos de crianças ocuparam o segundo lugar a nível mundial durante esse período.

Embora a contribuição da ISWAP para estas estatísticas possa ser atribuída, em grande medida, ao desespero resultante dos ataques militares, das disputas entre facções e das deserções, Aina disse à ADF que também podem estar envolvidas algumas considerações estratégicas.

“Uma segunda coisa a ter em conta é que, como a



ISWAP está a tentar consolidar os seus ganhos na região, está também a tentar alavancar e expandir a sua influência através de mais colaborações com outras OEV na região do Sahel,” disse Aina.

É possível, argumenta, que haja mesmo partilha de recruta entre a ISWAP e outras filiais regionais do EI, como o Estado Islâmico no Grande Sahara. “Afinal de contas, eles têm a mesma agenda,” disse.

Há já informações de que mais de 200 crianças treinadas da região do Lago Chade foram enviadas para o Mali e o Níger em Fevereiro de 2022 para se aliarem a um afiliado do EI “para levar a cabo uma campanha de terror,” de acordo com a SBM Intelligence, uma plataforma nigeriana de informações geopolíticas.

COMBATENDO A TENDÊNCIA

A abordagem e a prevenção do recrutamento de crianças para as OEV exigirão uma abordagem multifacetada. Aina afirmou que o exército nigeriano “melhorou muito a sua capacidade de conquistar os corações e as mentes” e de criar confiança entre os civis na Bacia do Lago Chade. Para tal, organizou actividades desportivas, forneceu materiais de socorro e ofereceu assistência médica. Estes esforços de boa vontade ajudam a criar recursos humanos no terreno

que podem complementar os esforços militares, como o reconhecimento aéreo e os ataques aéreos. Mesmo com tecnologia avançada e meios aéreos, as forças de segurança precisam da capacidade de recolher informações para ajudar a localizar alvos adequados e corroborar as avaliações do impacto da batalha, disse.

A chave é transformar essa boa vontade em medidas concretas para ajudar a solidificar os esforços que impedem a utilização de crianças-soldado. Aina vê três oportunidades para o conseguir.

Em primeiro lugar, as forças armadas nigerianas devem intensificar as suas operações de influência, que têm por objectivo conquistar os corações e as mentes dos civis. Segundo ele, os militares podem fazer mais no domínio da informação para desacreditar as narrativas da ISWAP e do JAS que os jovens possam considerar atractivas. Uma forma de o fazer seria pedir os jovens que abandonaram o extremismo que contrapusessem às histórias gloriosas contadas pelos terroristas com histórias verdadeiras sobre as realidades duras e perigosas de viver com a ISWAP e o JAS. Para o efeito, será essencial visar o recrutamento, através de plataformas das redes sociais mais populares entre os jovens, como o X, anteriormente conhecido como Twitter, o Facebook, o WhatsApp e o Telegram.

O objectivo da Iniciativa Escolas Seguras da Nigéria é garantir que as crianças possam ter acesso à educação em segurança no norte da Nigéria, dado que o Boko Haram tem um historial de ataques e encerramento de escolas na região e de rapto de alunos.



A mãe de uma rapariga raptada em Chibok passa pela escola onde 276 raparigas foram raptadas pelos extremistas do Boko Haram em 2014. AFP/GETTY IMAGES



“Penso que estamos num momento em que existe uma verdadeira oportunidade para o governo nigeriano erradicar o Boko Haram e a ISWAP e degradá-los de uma forma que há muito não eram degradados.”

~ Dr. Daniel Eizenga,
investigador do Centro de Estudos Estratégicos de África

Soldados nigerianos resgataram este rapaz do Boko Haram na Floresta de Sambisa. Ele está em frente a desenhos feitos por outros reféns libertados.

AFP/GETTY IMAGES

A segunda recomendação seria que a Nigéria implementasse plenamente a sua Iniciativa Escolas Seguras, criada em 2014. O então Presidente Muhammadu Buhari assinou o plano em 2019 e, em 2023, há indicações de que a sua implementação está iminente. O objectivo da iniciativa é garantir o acesso seguro das crianças à educação no norte da Nigéria, visto que o Boko Haram tem um historial de ataques e encerramento de escolas na região e de rapto de alunos, como aconteceu com as 276 raparigas de Chibok, em 2014. De acordo com uma estimativa do Governo do Estado de Borno, os insurgentes destruíram mais de 5.000 edifícios escolares ao longo dos anos.

Aina disse que o governo nigeriano deveria expandir o programa, aproveitando a tecnologia para proporcionar aprendizagem virtual e à distância, incluindo nas línguas locais. Se o fizer, o programa deixará de se limitar à protecção dos edifícios e ajudará a proporcionar oportunidades de aprendizagem em locais menos propícios a ataques de insurgentes.

Relacionado com isto está um projecto de lei recentemente assinado que permite aos Estados, empresas e indivíduos gerar, transmitir e distribuir electricidade em determinadas condições. Isso pode ajudar a alargar o serviço de electricidade, tornando mais viável a aprendizagem em casa, disse Aina.

Por último, a Nigéria deve alargar a Operação Corredor Seguro, o programa iniciado em 2016 para acolher os desertores de modo que possam ser reabilitados e reintegrados na sociedade, a fim de

responder especificamente às necessidades das crianças ex-combatentes.

Eizenga, do ACSS, afirmou que, à medida que as forças armadas nigerianas continuam a travar a batalha contra a ISWAP e outros insurgentes, há razões para estar optimista quanto ao fim da ameaça extremista no nordeste do país. Mas também é necessário perceber que, se o fizerem, devem estar preparados para tomar as medidas que impedirão o ressurgimento dessa ameaça.

“Penso que estamos num momento em que existe uma verdadeira oportunidade para o governo nigeriano erradicar o Boko Haram e a ISWAP e degradá-los de uma forma que há muito tempo não eram degradados,” disse Eizenga. “Penso que estas facções foram gravemente enfraquecidas e, por isso, este é um momento em que o governo nigeriano pode optar por mobilizar recursos para evitar que consigam recuperar.”

Para tal, o governo e as forças armadas terão de encontrar uma forma de estabelecer uma “presença de segurança sustentada na região, centrada na protecção das comunidades e dos civis,” afirmou. As forças nigerianas e outras forças regionais já tiveram os insurgentes da Bacia do Lago Chade em desvantagem, mas não tiveram a capacidade de os impedir de regressar. Desta vez, isso será essencial.

“Vimos também que estas organizações extremistas violentas podem ser bastante resistentes e que podem funcionar como uma espécie de insurgência de sabotagem,” disse. □



Trabalhadores da segurança caminham num túnel de uma mina de ouro em Westonaria, África do Sul.

RECURSOS NATURAIS PARA O BENEFÍCIO DE TODOS

OS CONFLITOS RELACIONADOS COM OS RECURSOS E A MÁ GESTÃO DESESTABILIZAM OS PAÍSES E PREJUDICAM AS RELAÇÕES CIVIS-MILITARES. NÃO TEM DE SER ASSIM.

EQUIPA DA ADF | FOTOS DE REUTERS

Na última década, o Sudão tornou-se o terceiro maior produtor de ouro em África. O sector ganhou ímpeto após a independência do Sudão do Sul em 2011, quando o país se voltou para a exploração mineira para compensar os dois terços dos poços de petróleo que perdeu na divisão.

Mas esta riqueza natural não beneficiou a população. Em vez de o ouro ser extraído pelo sector privado e tributado adequadamente, a extracção está nas mãos do exército.

As forças armadas do Sudão estão profundamente envolvidas na economia do país, desde as minas de ouro aos campos agrícolas e ao fabrico de armas. Entre elas estão as Forças Armadas do Sudão (SAF), lideradas pelo General Abdel Fattah al-Burhan, e as Forças de Apoio Rápido, lideradas por um general conhecido como Hemedti. Mesmo antes de os dois generais se terem confrontado numa guerra civil, os cidadãos do país protestavam contra a forma como o exército estava a gerir a exploração do ouro.

Em Março de 2023, os manifestantes do Estado do Mar Vermelho, do Sudão, exigiam que as SAF encerrassem uma mina de ouro que exploravam na base militar de Dordeib.

“Temos estado a questionar-nos como é possível que tenham sido criadas fábricas de mineração dentro de uma base do exército e porque é que o exército se desvia das suas verdadeiras tarefas e cria empresas comerciais,” disse um manifestante à Rádio Dabanga do Sudão.

Hemedti tem ligações com o Grupo Wagner, de mercenários russos, que iniciou as suas próprias actividades mineiras no Sudão durante o regime do antigo ditador Omar al-Bashir. O Grupo Wagner contrabandeia toneladas de ouro do Sudão todos os anos para

ajudar a Rússia a contornar as sanções financeiras internacionais impostas após a invasão à Ucrânia, em 2022. O contrabando custa ao Sudão milhões de dólares em receitas públicas perdidas todos os anos.



Mineiros trabalham na mina de ouro Freda Rebecca, no Zimbábue.

O Sudão não é o único país cujo exército se encontra envolvido em actividades comerciais. Estas empresas controladas pelo exército são mais comuns nos sectores dos recursos naturais e das indústrias extractivas. No seu relatório intitulado “Military-owned businesses: corruption & risk reform,” a Transparência Internacional salientou que a posição privilegiada do exército na sociedade “permite-lhe capitalizar o seu poder e as suas redes de clientelismo.” Além disso, estando encarregues da segurança das fronteiras, os militares têm o poder de importar e exportar facilmente mercadorias “sem estarem sujeitas às alfândegas ou inspecções do Estado.”

HÁ MUITAS RAZÕES PELAS QUAIS OS RECURSOS NATURAIS ACABAM NÃO SENDO UM BENEFÍCIO PARA AS ECONOMIAS NACIONAIS. EM ALGUMAS PARTES DE ÁFRICA, LADRÕES INVASORES E TERRORISTAS IMPEDEM OS PAÍSES DE EXTRAIR OS SEUS RECURSOS. NOUTROS PAÍSES ... OS TERRORISTAS TOMAM CONTA DE OPERAÇÕES INTEIRAS DE EXTRACÇÃO DE OURO.





A maior parte do pau-rosa extraído ilegalmente de África vai para a China, onde é utilizado para fazer mobiliário personalizado.

VENDER-SE AO GRUPO WAGNER

Na República Centro-Africana (RCA), o Presidente Faustin-Archange Touadéra contratou o Grupo Wagner para lhe servir de força de segurança privada, entre outras coisas. Em troca do seu trabalho, o grupo obteve acesso directo aos recursos naturais da RCA.

O Grupo Wagner recorre regularmente à violência para se apoderar e lucrar com os recursos naturais em África.

“A história que o Grupo Wagner conta é que os mercenários estão lá para treinar os soldados da RCA e ajudá-los a esmagar os grupos rebeldes que querem derrubar o presidente,” noticiou a CBS News em Maio de 2023. “A realidade é que o Grupo Wagner dominou o país de tal forma que pode agir impunemente e é acusado de usar uma violência terrível para garantir que não haja concorrência para o seu fluxo de receitas por parte dos comerciantes de ouro locais.”

Os pormenores dos projectos na RCA mostram que os esforços mineiros do Grupo Wagner estão a tornar-se cada vez mais lucrativos para a organização e criam um canal de financiamento para a guerra da Rússia contra a Ucrânia.

“O Grupo Wagner instalou-se na RCA em 2018,



Os madeireiros abateram um grande número de árvores de pau-rosa na Serra Leoa para as enviar para a China.

criando um centro cultural e assinando vários acordos para ajudar a proteger os locais de mineração, incluindo a mina de ouro de Ndassima, localizada perto da cidade de Bambari, no centro do país,” escreveu a repórter de segurança nacional Erin Banco no início de 2023. “Desde então, o Grupo Wagner transformou a mina, outrora artesanal, num enorme complexo.”

No início de 2023, a mina englobava oito zonas de produção em vários estágios de desenvolvimento, sendo que a maior delas teria mais de 60 metros de profundidade.

Os observadores acreditam que o grupo está a

Forças de segurança ruandesas montam guarda numa instalação de gás natural em Afungi, Moçambique. O país possui a terceira maior reserva de gás natural do continente.

construir o local para exploração a longo prazo e que o fortificou com pontes nas passagens dos rios e armas antiaéreas em pontos-chave. Os russos deixaram bem claro que não querem que nenhum avião de reconhecimento sobrevoe o local.

RECURSOS MAL UTILIZADOS

Há muitas razões para que os recursos naturais não sejam uma bênção para as economias nacionais. Em algumas partes de África, ladrões invasores e terroristas impedem os países de extrair os seus recursos. Noutros países, como o Burquina Faso, os terroristas tomam conta de operações inteiras de extracção de ouro. Na África Ocidental, florestas protegidas de pau-rosa, em vias de extinção, foram destruídas e enviadas para a China. Os funcionários locais são subornados para facilitarem o abate de árvores.

O pau-rosa é muito apreciado na China para o fabrico de mobiliário personalizado. A procura incessante dos fabricantes chineses transformou o pau-rosa no material natural mais traficado do mundo. A Interpol estimou, no início de 2023, que o pau-rosa valia 50.000 dólares por metro cúbico.

A China virou as suas atenções para a África Ocidental depois de esgotar as suas próprias unidades de pau-rosa. Os activistas ambientais afirmam que a cobiça da China pelo pau-rosa impulsiona um mercado negro que está a corromper funcionários do governo e líderes tribais, a minar as protecções internacionais e a devastar o ambiente. De acordo com Raphael Edou, antigo ministro do Ambiente do Benin, o abate ilegal de madeira de pau-rosa nos Camarões também enfraquece o Estado de direito no país. O Benin foi um dos primeiros alvos do comércio de pau-rosa impulsionado pela China.

Um camião é carregado com granito triturado numa mina em Zamfara, na Nigéria. Trata-se do material mais extraído no país, representando milhões de toneladas por ano.

“É quase como se África não pudesse lidar com os chineses em pé de igualdade,” o Professor Abel Esterhuyse, da Faculdade de Ciências Militares da Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, disse à ADF. “Os países africanos não podem dizer: ‘Olha, não nos vão explorar.’ A África precisa de articular a utilização dos seus próprios recursos como um instrumento para gerir os seus governos, como um instrumento de interesse para permitir que outros países concorram nas suas relações comerciais, como um benefício para a sociedade no seu todo.

“Para mim, é fascinante o que a China tem feito na parte norte da Namíbia, nos últimos 10 anos, tirando todos os pedaços de madeira, todas as árvores,” disse. “Também o fizeram na parte sul de Angola. O problema é que isso criou um enorme ressentimento entre as pessoas que perguntavam: ‘O que é que os chineses estão a fazer com a nossa terra?’ Isso cria esta economia política entre África e o resto do mundo, de tal forma que os africanos não beneficiam dos seus próprios recursos. É inacreditável.”

HISTÓRIAS DE SUCESSO

Países de todo o continente mostraram o valor de uma utilização correcta dos seus recursos nacionais, através da iniciativa privada, para o bem das suas populações. Estes activos extraídos e explorados proporcionaram fluxos de receitas e impostos para estabilizar e melhorar os governos civis:

A **Costa do Marfim** tem registado uma expansão económica forte e estável na última década e tem sido descrita como “um dos mercados emergentes subestimados de África.” O site Nomad Capitalist refere que a pandemia da COVID-19 interrompeu o crescimento do país, embora as previsões económicas continuem a ser positivas. Os recursos naturais do país incluem diamante, ouro, gás natural e petróleo. Outros recursos, como o minério de ferro, o cimento e o níquel, continuam em grande parte por explorar. O país tem um





Mineiros trabalham numa mina artesanal de ouro perto de Kamituga, na República Democrática do Congo. O país é o 16.º maior produtor de ouro do mundo.

sector político relativamente estável, prevendo-se um forte crescimento nos próximos anos.

Os recursos naturais do **Gana** incluem o alumínio, a bauxite, o diamante e a madeira. O Gana é o maior fornecedor de ouro em África, produzindo cerca de 5 a 7 bilhões de dólares por ano. O Gana é considerado um dos países mais estáveis da África Ocidental desde a sua transição para uma democracia multipartidária, em 1992.

A **Namíbia** é um dos locais mais secos do mundo, com uma precipitação anual de cerca de 27 centímetros. Mas possui grandes reservas de diamante, cobre e urânio. O país ocupa o quinto lugar entre os países africanos na produção de diamante. Segundo o World Atlas, a Namíbia é o quarto maior produtor mundial de urânio, atrás da Austrália, do Canadá e do Cazaquistão.

A Namíbia ocupa o quarto lugar entre os países africanos no Índice de Democracia. De acordo com a Business Insider Africa, a pontuação do país “destaca o seu compromisso com a inclusão, os processos eleitorais e as liberdades civis.”

O **Botswana** é conhecido pela sua fauna selvagem, com 38% do seu território reservado para parques nacionais, reservas e áreas de gestão da vida selvagem. O país sem litoral, com cerca de 2 milhões de habitantes, foi descrito pela Business Insider Africa como “um daqueles países tranquilos, mas prósperos da planície africana.” Embora disponha de vários recursos, a sua principal exportação, cerca de 80%, é o diamante, o que o torna o

segundo maior produtor de diamante a seguir à Rússia.

Esterhuysen cita o Botswana como exemplo de um país que sabe gerir os seus recursos.

“Eis algumas das coisas que estão a fazer bem,” disse à ADF. “Têm uma burocracia muito forte. Têm uma burocracia saudável que não só é bem formada, não só é bem qualificada, como também merece a confiança do povo e do Estado. Não estou a falar de políticos. Estou a dizer que têm um sistema administrativo maduro e burocrático.”

“Existe uma história institucional no Botswana baseada na competência e no mérito,” afirmou. “A isso junta-se o aparelho de segurança, que não é diferente do resto do sector estatal. O sistema de segurança é bem financiado, cerca de 4% a 5% do [produto interno bruto]. O sistema de segurança é bem qualificado, bem formado e profissional. E inclui também os serviços de informação. Em muitos países, não se fala dos serviços de informação, porque, muitas vezes, estes não estão a fazer o seu trabalho. Não é esse o caso do Botswana.”

Esterhuysen afirmou que os problemas de exploração não são exclusivos dos países africanos.

“Não creio que África seja diferente de qualquer outra entidade política no mundo, onde existe um sistema político imaturo, onde se permite que os políticos capitalizem as oportunidades disponíveis, onde não existe um sistema parlamentar equilibrado e forte que faça as perguntas certas,” afirmou. “A prevenção da exploração tem a ver com a governação.” □



Senegal Recebe Segundo Avião de Transporte C295

DEFENCEWEB

As Forças Armadas do Senegal receberam um segundo avião de transporte C295 da Airbus oito meses depois de terem recebido o primeiro.

A nova aeronave chegou à Base Aérea de Dakar no final de Março de 2023 e foi recebida pelo Ministro da Defesa, Sidiki Kaba.

Kaba disse que as capacidades de descolagem e aterragem curtas da aeronave e a sua versatilidade permitem-lhe realizar diferentes missões, como transporte, pára-queda e evacuação médica. Os novos aviões reforçarão a capacidade de transporte das forças armadas senegalesas e apoiarão as missões nacionais e internacionais. Os responsáveis senegaleses afirmaram que a aquisição demonstra a vontade do país de modernizar as suas forças armadas para fazer face aos “desafios

de segurança e defesa num ambiente regional complexo.”

O Senegal recebeu o seu primeiro C295 em Julho de 2022. Ao mesmo tempo, Kaba recebeu formalmente dois helicópteros Mi-17 e quatro Mi-35 que tinham sido objecto de uma manutenção de fundo.

O C295 é cada vez mais popular em África. Em Novembro de 2021, a Airbus entregou um C295 ao Burquina Faso. Em Maio de 2022, o Mali recebeu um segundo C295, após um ano de atraso. O primeiro chegou em Dezembro de 2016 da Airbus. Em 2022, Angola firmou uma encomenda de três C295, quatro anos depois de o seu governo ter revelado planos para adquirir o avião, que será utilizado em parte para vigilância marítima. A Força Aérea Nigeriana está a pensar em adquirir pelo menos um C295.

O Senegal tem estado a lidar

Um C295 da Força Aérea Espanhola

REUTERS

com separatistas na sua região de Casamança, onde se desenrola um dos conflitos mais antigos de África, e também com grupos terroristas do Sahel. Em consequência, o Senegal tem vindo a expandir as suas forças armadas, recebendo barcos de patrulha, aviões de treino, veículos blindados e outros equipamentos.

Em Junho de 2022, as forças armadas senegalesas receberam 11 veículos blindados de transporte de pessoal Puma M36, metralhadoras pesadas, morteiros, veículos de recuperação, espingardas de assalto, escudos antimotim, uma dezena de Toyota Land Cruisers equipados com metralhadoras pesadas, ambulâncias de combate, lança-granadas e capacetes antimotim.

Zâmbia Encomenda Helicópteros de Turbina

DEFENCEWEB

A Força Aérea da Zâmbia encomendou dois helicópteros Enstrom 480B com motor de turbina para formação de pilotos e pessoal.

A Enstrom Helicopter Corp, uma empresa dos EUA, anunciou a venda em Abril de 2023. Os helicópteros ficarão sediados em Lusaka e serão utilizados para formação e missões utilitárias. O acordo inclui um pacote de formação.

Os helicópteros serão equipados com ganchos de carga e espaço para câmaras, bem como com aviónica Garmin e painéis de vidro.

O Safomar Aviation Group, da África do Sul, coordenou e assistiu a Enstrom na venda à Zâmbia, incluindo a logística, as especificações e a configuração dos helicópteros. Safomar explora uma grande instalação regional de manutenção, reparação e revisão, bem como uma escola de pilotagem. Mantém e opera helicópteros Enstrom em toda a África Subsaariana.



Helicóptero Enstrom 480B ENSTROM HELICOPTER CORP

A Força Aérea da Zâmbia tem vindo a expandir-se gradualmente, recebendo aviões ligeiros de combate, de transporte e de treino ao longo da última década. Em 2019, foram entregues dois transportes C-27J Spartan provenientes da Itália e foi adquirido um jacto Gulfstream 650ER para transporte VIP. A Zâmbia adquiriu dois helicópteros utilitários Bell 412 à Itália em 2021.

Em 2022, a África do Sul forneceu um helicóptero utilitário Bell 412SP e um avião de transporte Cessna 208B EX Caravan, depois de os EUA terem feito a entrega de um Cessna 208 EX em 2020.

Fábrica de Motores Planeada em Marrocos

EQUIPA DA ADF

O fabricante aeroespacial Pratt & Whitney vai criar uma filial, a Pratt & Whitney Maroc, em Casablanca, Marrocos, para fabricar peças para motores.

A empresa sediada nos EUA afirmou que o objectivo é “desenvolver capacidades de aprovisionamento rentáveis para a competitividade e para otimizar a pegada das operações e a utilização dos activos,” segundo a defenceWeb. A empresa escolheu o Marrocos, “devido ao seu crescente centro de empresas aeroespaciais, ao custo do negócio e aos talentos formados e disponíveis.”

A empresa declarou que a nova fábrica criará 200 postos de trabalho até 2030. Será construído na Aerospace Focused Free Zone de Casablanca, um parque industrial especificamente direccionado para os sistemas de produção aeroespacial. A zona franca foi concebida para oferecer incentivos fiscais e outras vantagens para o fabrico de produtos aeroespaciais. O início da construção das instalações de 12.000



As futuras instalações da Pratt & Whitney Maroc em Casablanca, Marrocos PRATT & WHITNEY

metros quadrados estava previsto para o quarto trimestre de 2023, com conclusão prevista para 2025.

A empresa estimou que existem cerca de 3.000 motores Pratt & Whitney em utilização em África.

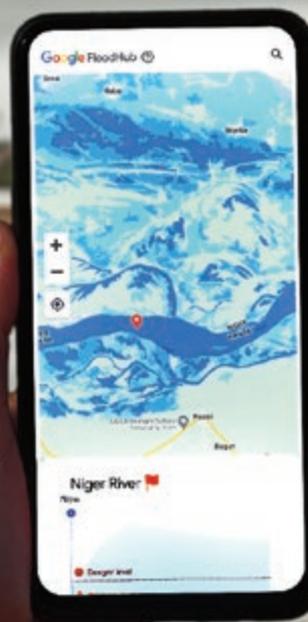
O sector da aeronáutica em Marrocos representa cerca de 140 empresas com cerca de 2 bilhões de dólares de exportações, segundo a Administração do Comércio Internacional. O sector emprega 17.000 pessoas, 40% das quais são mulheres.

O Marrocos conta com 24 aeroportos comerciais e tenciona investir 200 milhões de dólares para os desenvolver e melhorar, nomeadamente as zonas de carga dos aeroportos de Casablanca e Tânger.

A Pratt & Whitney oferece operações de assistência a nível mundial. É uma subsidiária da RTX, a maior empresa aeroespacial e de defesa do mundo, com 180.000 funcionários em todo o mundo.

A empresa, com vendas de 67 bilhões de dólares em 2022, tem sede em Arlington, Virgínia.

IA



FLOOD HUB

Ajuda a Prever e a Preparar para as Cheias

EQUIPA DA ADF

Uma nova ferramenta utiliza a inteligência artificial para monitorizar e prever as inundações em todo o mundo.

Vinte e três países africanos estão a participar na plataforma de inteligência artificial Flood Hub da Google. A Google lançou a plataforma em 2021 e expandiu-a para incluir 80 países em 2023. Foi concebida para ajudar as agências de gestão de desastres a evacuarem as pessoas até uma semana antes da chegada das águas das cheias e a reforçar as medidas de prevenção das cheias em algumas das zonas de maior risco do continente.

“Os governos, as organizações de ajuda humanitária e os particulares podem utilizar o Flood Hub (Centro de Cheias) para tomar medidas atempadas e preparar-se para as cheias ribeirinhas, consultando dados e previsões de cheias relevantes a nível local com até sete dias de antecedência — um aumento em relação ao ano passado, em que a informação só estava disponível com 48 horas de antecedência,” afirmou Yossi Matias, vice-presidente de Engenharia e Investigação e Líder de Resposta a Crises da Google, num comunicado.

As cheias afectam mais de 250 milhões de pessoas todos os anos, causando 10 bilhões de dólares de prejuízos, segundo a Google. Em 2023, as cheias na Etiópia e no Quênia mataram 50 pessoas e desalojaram 30.000, destruindo milhares de hectares de terras agrícolas. As

cheias e os deslizamentos de terras no Ruanda mataram 127 pessoas e as cheias na África Austral provocaram surtos de cólera e de malária.

O Centro de Cheias utiliza um modelo hidrológico para prever a quantidade de água que se deslocará através de um rio e um modelo de inundação para prever as áreas mais afectadas pela subida das águas. Recolhe dados de imagens de satélite, registos meteorológicos e outras fontes.

“Começamos por recolher milhares de imagens de satélite para construir um modelo digital do terreno,” disse Matias num vídeo de demonstração. “Com base nestes mapas, geramos centenas de milhares de simulações de como o rio se poderia comportar.

“Recebemos as medições do governo e cruzamos essas medições com as nossas simulações,” acrescentou.

As informações são gratuitas e estão acessíveis a qualquer pessoa que utilize o Google Maps. A empresa está a utilizar uma tecnologia semelhante para prever e acompanhar incêndios florestais.

Os países africanos participantes são Angola, Burquina Faso, Burundi, Camarões, Chade, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Eswatini, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Lesoto, Libéria, Madagáscar, Malavi, Namíbia, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, África do Sul, Sudão do Sul e Zimbabwe.

GUARDAS-FLORESTAIS DA ZÂMBIA UTILIZAM ABUTRES PARA RASTREAR CAÇADORES FURTIVOS

REUTERS

Num esforço para travar os caçadores furtivos e outros que envenenam a vida selvagem, o Departamento de Parques Nacionais e Vida Selvagem da Zâmbia está a recorrer a um aliado improvável: os abutres.

Os guardas-florestais do Parque Nacional de Kafue marcam os abutres-de-dorso-branco e de capuz com localizadores por satélite para alertar os gestores da vida selvagem sobre carcaças roubadas ou envenenadas. Em muitas partes de África, os proprietários de gado envenenam os cadáveres das vacas com um pesticida agrícola para matar os felinos predadores que se vêm banquetear. Isto é visto como uma forma de impedir os leões de atacarem o seu gado.

Mas as carcaças também atraem os abutres-de-dorso-branco, em perigo crítico de extinção, cuja população diminuiu mais de 90% em toda a África Ocidental nos últimos 40 anos, em grande parte devido ao envenenamento.

“Os abutres africanos de dorso branco virão [para se alimentar] em grandes números,” disse Corinne Kendall, curadora de conservação e investigação no Jardim Zoológico da Carolina do Norte, que está a liderar o programa.

“Podemos ter até 100 abutres e todos eles vão morrer. Teve um enorme impacto nos abutres e conduziu a este rápido declínio. E é também um grande problema para os carnívoros.”

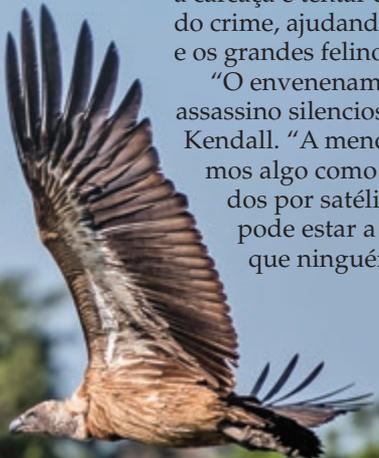
Desde 2021, a equipa etiquetou 19 abutres na Zâmbia, colocando pequenas mochilas com as etiquetas de satélite nas suas asas para obter uma visão panorâmica da situação.

Guardas-florestais da Zâmbia equipam abutres com localizadores para alertarem sobre incidentes de caça furtiva ou envenenamento de animais.

REUTERS

Embora os envenenamentos não sejam “algo que seja bem conhecido na paisagem de Kafue,” disse Kendall, os abutres marcados levaram os guardas-florestais a duas suspeitas de envenenamento perto do parque. Nestes casos, os funcionários do parque, alertados sobre o envenenamento, podem eliminar a carcaça e tentar encontrar o autor do crime, ajudando a salvar as aves e os grandes felinos.

“O envenenamento é um assassino silencioso,” disse Kendall. “A menos que tenhamos algo como abutres marcados por satélite, muita coisa pode estar a acontecer sem que ninguém saiba.”



Estudo: Militares Necessitam de Maior Consciencialização sobre Segurança Cibernética

DEFENCEWEB

Um estudo realizado por um investigador da Universidade de Stellenbosch concluiu que a Força Nacional de Defesa da África do Sul (SANDF) é vulnerável a ataques cibernéticos e deve aumentar o conhecimento dos oficiais militares sobre a segurança cibernética, oferecer formação adequada e adquirir a tecnologia necessária.

“Os oficiais militares são vulneráveis a serem enganados ou mesmo forçados por actores nefastos online a partilhar informações sensíveis sobre actividades operacionais,” afirmou o Dr. Kyle Bester, psicólogo investigador e especialista em formação de sensibilização para a cibersegurança, que realizou o estudo para a sua tese em Stellenbosch. “Podem também criar pontos de acesso involuntários ou voluntários para software malicioso através do qual estes actores podem entrar na rede da SANDF”

Bester entrevistou oficiais superiores inscritos num curso de desenvolvimento militar profissional no Colégio de Defesa Nacional da África do Sul. Pede também aos estudantes da Academia Militar da África do Sul e do Colégio Nacional de Guerra da África do Sul que preenchessem um questionário para recolher as suas opiniões sobre a partilha de informações, a orientação para a segurança, a sensibilização para a segurança e a cultura cibernéticas.

Bester constatou que, de um modo geral, os oficiais estavam conscientes das ciberameaças que poderiam prejudicar as forças armadas e adaptaram adequadamente o seu comportamento de segurança offline e online. Mas os inquiridos identificaram as “práticas de partilha de informação” como uma área de preocupação.

Os participantes apelaram a uma maior educação e formação no domínio da ciberconsciência e à necessidade de software e ferramentas tecnológicas mais eficientes para lidar com as ameaças à segurança cibernética das forças armadas.

O Major Gert PJ de Jager disse, numa conferência sobre Guerra Electrónica na África do Sul, em Pretória, que a utilização descontrolada das redes de comunicação social representa um risco para a segurança da SANDF e de outras forças militares.

De Jager salientou que a recolha de informações ofensivas é uma parte importante das operações militares e “um contributo valioso para determinar o resultado das batalhas e das vitórias.” Os exércitos e os actores não estatais recorrem cada vez mais às redes sociais para obter informações. As forças armadas devem formar os soldados para utilizarem os telemóveis e as redes sociais em segurança.

“A SANDF pode não ser capaz de impedir que todos os membros estejam online nas redes sociais, mas devem concentrar-se em garantir que todos os membros estejam conscientes da importância da segurança da informação durante o uso das redes sociais,” disse de Jager.



EQUIPA DA ADF

A Nigéria inaugurou duas novas instalações que serão o centro nevrálgico da sua luta contra o terrorismo. Numa cerimónia realizada em Março de 2023, perto do final do seu mandato presidencial, o então Presidente Muhammadu Buhari inaugurou o novo Gabinete do Conselheiro de Segurança Nacional e o Centro Nacional de Combate ao Terrorismo, em Abuja. Buhari afirmou que as instalações de última geração dotarão a nova administração da Nigéria de infra-estruturas para coordenar eficazmente os esforços de segurança nacional e de combate ao terrorismo.

As instalações incluem escritórios, salas de reuniões, laboratórios, uma sala de conferências, um auditório e um centro de operações/crise.

Há 14 anos que a Nigéria é afectada pelo extremismo violento, em especial no nordeste do país, que causou a morte de 65.000 pessoas.

No dia 5 de Junho, o Presidente Bola Ahmed Tinubu visitou o centro, poucos dias depois de ter tomado posse. Ele exortou as forças armadas e todos os sectores do governo e da sociedade civil a trabalharem em conjunto para combater o terrorismo.

“Não pode haver desarmonia numa orquestra deste plano de segurança,” disse Tinubu. “Temos de nos concentrar num só túnel, coordenar informações partilhadas, inteligência partilhada, coordenação e trabalhar mais arduamente.”

O complexo é o resultado de novas políticas de segurança adoptadas pelo país para coordenar a sua abordagem de combate ao terrorismo. Estas incluem a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo de 2016, a Estratégia

Nacional de Segurança de 2019, a Política e Estratégia Nacional de Cibersegurança de 2021 e a Doutrina Nacional de Gestão de Crises de 2022.

“Em termos gerais, estes documentos de políticas enfatizam uma abordagem de todo o governo, envolvendo todos os ministérios, departamentos e agências, em combinação com uma abordagem de toda a sociedade, envolvendo as organizações da sociedade civil e os cidadãos,” afirmou Buhari em Março de 2023.

O centro foi criado como um órgão de coordenação para combater o terrorismo e o financiamento do terrorismo no país. É composto por representantes de agências e departamentos governamentais e alberga a Secção de Análise Conjunta do Terrorismo da Nigéria, a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo, o Gabinete de Análise de Dispositivos Explosivos e a Unidade de Prevenção e Combate ao Extremismo Violento.



O então Presidente Muhammadu Buhari, ao centro, corta uma fita para inaugurar o edifício do Gabinete do Conselheiro de Segurança Nacional, em Abuja. NCTC

SOMÁLIA Intercepta Equipamento e Explosivos Destinados ao al-Shabaab

VOZ DA AMÉRICA

A Agência Nacional de Informação e Segurança da Somália apreendeu dois carregamentos ilícitos de equipamento militar e material explosivo que se destinavam ao al-Shabaab.

Numa conferência de imprensa em Mogadíscio, o antigo Ministro de Estado da Defesa da Somália, Mohamed Ali Haga, disse que a agência descobriu as armas no porto e no aeroporto de Mogadíscio, nalguns casos escondidas em contentores que pareciam ser importações autorizadas.

A agência de informação informou que uma investigação relacionada com os carregamentos ilícitos levou à detenção de 10 pessoas associadas a uma rede de contrabando.

“A nossa agência tem acompanhado as actividades destes indivíduos na Somália e fora da Somália,” disse Haga. “A Comissão tem vindo a acompanhar o seu envolvimento nesta rede de contrabando. Felizmente, todos eles estão detidos e nenhum fugiu.”

O Conselho de Segurança da ONU impôs um embargo de armas à Somália em 1992, devido a uma guerra civil e à violência entre facções. No entanto, as armas continuam a entrar no país, devido às fronteiras porosas e a uma costa desprotegida com mais de 3.000 quilómetros de comprimento.



As autoridades somalis confiscaram um contentor marítimo repleto de material militar destinado a ser utilizado pelo al-Shabaab.

AGÊNCIA NACIONAL DE INFORMAÇÃO E SEGURANÇA DA SOMÁLIA

Após a criação de um governo de transição operacional em 2012, os sucessivos governos têm vindo a trabalhar no sentido de restabelecer a estabilidade, a boa governação e outros parâmetros de referência que ajudariam a aliviar o embargo ao armamento do país.

Em 2013, o Conselho de Segurança votou por unanimidade pelo levantamento parcial da proibição de venda de armas à Somália durante um ano.

A resolução permitiu ao governo da Somália comprar armas ligeiras para ajudar as suas forças de segurança a desenvolverem-se e a combaterem os militantes, mas manteve as restrições às armas pesadas. As restantes sanções, que exigem a aprovação de pedidos de determinadas armas, são renovadas anualmente.

QUÊNIA APROXIMA-SE DO OBJECTIVO DE MARCAR TODAS AS ARMAS OFICIAIS

CYRUS OMBATI, A ESTRELA

O Quênia quase cumpriu um dos seus compromissos para com os tratados regionais e internacionais sobre o controlo de armas, visto que está prestes a concluir a marcação das armas de fogo e munições oficiais.

O Serviço Nacional de Polícia já marcou 98% do seu arsenal de armas de fogo e as Forças de Defesa do Quênia 70%. O Secretário Administrativo Principal da Segurança, Wilson Njega, considerou o progresso um grande marco que coloca o Quênia no caminho para a liga de elite das nações que tomaram medidas concretas para combater o comércio ilegal de armas.

O objectivo, segundo ele, é evitar que as armas sejam desviadas para criminosos, sem perturbar as transferências legítimas de armas.

“Esta iniciativa ajudar-nos-á a identificar a origem e o movimento dessas armas e a fundamentar as nossas decisões e respostas para desmantelar a rede criminosa envolvida neste comércio,” afirmou Njega.

Acrescentou ainda que esta medida reduzirá os incidentes de violência armada, em conformidade com vários acordos internacionais, incluindo o Protocolo de Nairobi e o Programa de Acção das Nações Unidas sobre Armas Ligeiras.

“Considerando que as armas ligeiras e de pequeno calibre são responsáveis por muitas mortes e ferimentos em conflitos armados, é imperativo que aumentemos a rastreabilidade das nossas armas de fogo e munições,” disse Njega.

O exercício de marcação foi prescrito pelo Centro Regional de Armas Ligeiras (RECSA, na sigla inglesa) aos seus Estados-membros, no âmbito dos esforços para combater a proliferação ilícita de armas ligeiras e de pequeno calibre e promover a paz e a



Numa cerimónia em Abril de 2023, autoridades dos EUA entregam duas máquinas de marcação à Polícia de Fronteira do Quênia para apoiar na marcação de armas de fogo e na manutenção de registos dos inventários oficiais. RECSA

segurança na África Oriental e Central.

A agência intergovernamental organizou um seminário de três dias para validar as conclusões da última avaliação sobre os progressos do exercício.

Njega atribuiu as percentagens ainda não marcadas do Quênia a novas reservas e às armas designadas para zonas onde o exercício de marcação ainda não chegou, incluindo Wajir e Mandera.

Ivor Richard Fung, vice-chefe do Departamento de Armas Convencionais do Escritório da ONU para Assuntos de Desarmamento, elogiou os Estados-membros do RECSA pelos progressos constantes na passagem do registo manual para o registo electrónico. O RECSA implementou o seu Sistema de Rastreamento de Software, emitido para a manutenção de registos electrónicos, junto dos seus membros.

“Este é um aspecto muito importante do controlo das armas ligeiras e de pequeno calibre e, para além da marcação, há a questão da manutenção de registos,” afirmou Fung. “O RECSA tem conseguido realizar um trabalho louvável nesta área e aplaudimos esse facto, mas ainda há muito a fazer.”



RELATÓRIO: GRUPO WAGNER COMPROMETE A MANUTENÇÃO DA PAZ

DEFENCEWEB

Um estudo sobre a manutenção da paz revela que, em 2022, foram realizadas mais operações de paz multilaterais do que em qualquer outro ano da década anterior.

O relatório refere ainda que o Grupo Wagner, de mercenários russos, se tornou “uma importante fonte de dificuldades” devido à suas ligações ao governo russo e à sua “implicação em violações de direitos humanos.”

O estudo, elaborado pelo Instituto Internacional de Investigação para a Paz de Estocolmo, foi publicado em Junho de 2023. Tal como nos anos anteriores, as Nações Unidas lideraram o maior número de operações de paz multilaterais com 20, incluindo missões políticas especiais. As organizações e alianças regionais conduziram mais 38 operações, tendo as coligações ad hoc de Estados conduzido outras seis.

Das 64 operações, 24 foram realizadas na África Subsaariana, 18 na Europa, 14 no Médio Oriente

e Norte de África, cinco na Ásia e três nas Américas.

O número de efectivos internacionais destacados para operações de paz multilaterais em todo o mundo aumentou pouco menos de 3% em 2022, atingindo 114.984 no final do ano. As maiores alterações anuais no número de efectivos foram um aumento de 3.771 na África Subsaariana e uma diminuição de 541 na Europa.

As forças de manutenção da paz lançaram novas operações na República Democrática do Congo (RDC), na Etiópia, na Guiné-Bissau, no Cazaquistão e na Somália. A operação na Somália foi essencialmente uma reconfiguração de uma operação existente com um novo nome e um novo mandato.

O relatório refere a Missão de Apoio à Estabilização na Guiné-Bissau, criada pela Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, em Fevereiro de 2022, após uma tentativa de golpe de Estado, e a Força Regional da Comunidade da África Oriental na RDC, criada em Junho.

As forças de manutenção da paz senegalesas ao serviço da missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo preparam-se para sair em patrulha. AFP/GETTY IMAGES

O relatório também faz referência à Missão de Monitorização, Verificação e Cumprimento da União Africana em Mekelle, na região de Tigré, na Etiópia.

O relatório critica os mercenários russos do Grupo Wagner. Em 2022, o Grupo Wagner estava a operar na República Centro-Africana (RCA) e no Mali, onde também estavam destacadas operações de manutenção da paz da ONU. A Rússia opôs-se à redacção da Missão Multidimensional Integrada de Estabilização da ONU na RCA.

“A Rússia resistiu à inclusão de uma linguagem que condenasse ‘a utilização de mercenários e as violações do direito internacional humanitário e dos direitos humanos por eles perpetradas’ — uma referência implícita, mas clara, ao Grupo Wagner,” disse um dos investigadores do relatório.

ONU: As Forças de Manutenção da Paz são O 'Motor' das Missões

NAÇÕES UNIDAS

Desde 1948, mais de 2 milhões de soldados e civis serviram nas missões das Nações Unidas no terreno em todo o mundo. As suas contribuições foram destacadas no Dia Internacional das Forças de Manutenção da Paz das Nações Unidas, celebrado a 29 de Maio de 2023.

“As forças de manutenção da paz das Nações Unidas são o motor do nosso compromisso num mundo mais pacífico,” afirmou o Secretário-Geral, António Guterres, na sua mensagem para o dia. Apelou a um apoio contínuo aos homens e mulheres que ajudam os países na transição da guerra para a paz.

“São também fundamentais para a protecção dos civis apanhados no caos destes conflitos mortais, proporcionando uma linha de vida de esperança e ajuda em alguns dos contextos mais perigosos que se possa imaginar,” acrescentou.



Dois soldados ganeses de manutenção da paz, à direita, participam numa cerimónia no Líbano, em Março de 2023, que assinala o 45.º aniversário da força de manutenção da paz das Nações Unidas no país. AFP/GETTY IMAGES

Guterres referiu que muitos pagaram o preço mais alto, dado que mais de 4.200 soldados da paz perderam a vida ao serviço da ONU. “Somos solidários com as suas famílias, amigos e colegas, e seremos para sempre inspirados pela sua devoção altruísta à causa da paz,” afirmou.

Actualmente, mais de 87.000 soldados da paz de 125 países servem em 12 operações da ONU em África, na Ásia, na Europa e no Médio Oriente. Enfrentam tensões e divisões globais crescentes, processos de paz estagnados e conflitos mais complexos, afirmou Guterres.

“Apesar destes obstáculos, e trabalhando com um vasto leque de parceiros, as forças de manutenção da paz perseveraram,” afirmou. “Para as pessoas que vivem sob a sombra do conflito, as nossas equipas de Capacetes Azuis representam a esperança. Visto que as forças de manutenção da paz apoiam a humanidade, devemos sempre apoiá-las e reconhecê-las.”

O Dia Internacional das Forças de Manutenção da Paz das Nações Unidas é comemorado anualmente a 29 de Maio, em conformidade com uma resolução da Assembleia Geral da ONU adoptada em 2002. A data marca o início da primeira missão de manutenção da paz da ONU, a Organização das Nações Unidas para a Supervisão da Trégua na Palestina, em 1948.

O tema do 75.º aniversário da manutenção da paz da ONU foi “A paz começa comigo,” que reconheceu o serviço e o sacrifício dos capacetes azuis, do passado e do presente. Prestou também homenagem à resiliência das comunidades que servem, que continuam a lutar pela paz apesar dos muitos obstáculos.



ONU CERTIFICA ESCOLA DO EXÉRCITO DO GANA

EQUIPA DA ADF

As Nações Unidas atribuíram a sua certificação de Reconhecimento de Formação da ONU à Escola de Formação de Operações de Paz do Exército do Gana.

A escola recebeu o certificado após uma avaliação rigorosa dos materiais de formação da instituição e uma visita de quatro dias ao local pela equipa de avaliação da formação das Nações Unidas, informou o Ghana Peace Journal.

A escola, que se encontra no Campo de Treino de Bundase, perto de Accra, foi criada em Junho de 2021 para formar tropas para operações de apoio à paz. Desde então, tem formado homens e mulheres para operações de apoio na sub-região e noutras partes do mundo.

Ao apresentar o certificado, o Major-General Thomas Oppong-Peprah disse que a participação do Gana em operações globais de apoio à paz passará para outro nível após a designação da ONU.

O Brigadeiro-General Stephen Wose Adzikpo Kweku Parbey referiu que, após a avaliação positiva, a escola é agora uma das instituições reconhecidas pela ONU com autoridade para treinar e formar tropas para tarefas de manutenção da paz em todo o mundo, informou o jornal Daily Guide Network. Os funcionários disseram que a escola começará em breve a formar parcerias com países irmãos.

Durante a cerimónia, foram também colocados em funcionamento novos projectos na escola, informou o Multimedia Group, do Ghana. Os projectos incluem o local de produção de água da nascente de Bundase, um posto de socorro regimental que servirá de instalação clínica e um centro social.

Soldados ganeses participam numa cerimónia em Accra.

AFP/GETTY IMAGES



Marrocos e Brasil

FORJAM

LAÇOS DE DEFESA

EQUIPA DA ADF

O Marrocos e o Brasil estão a explorar um acordo de cooperação no domínio da defesa, que inclui investigação, desenvolvimento, compra de armas e apoio logístico.

O Senado brasileiro aprovou o pacto em Maio de 2023.

O acordo de cooperação inscreve-se na estratégia marroquina de diversificação das suas parcerias de segurança a nível mundial. De acordo com a empresa de informações estratégicas ADIT, as despesas militares de Marrocos ascenderam a 5 bilhões de dólares, quase 4% do seu produto interno bruto em 2022.

Marrocos e o Brasil assinaram um acordo, em 2019, para partilhar tecnologia militar, o que tem

tido visto como um início da intenção de Marrocos de desenvolver a sua própria indústria de defesa e reduzir a sua dependência de armas de fabrico estrangeiro. Segundo a ADIT, o acordo prevê a partilha de ciência e tecnologia militares entre o Brasil e o Marrocos, bem como a formação de oficiais marroquinos em tecnologias militares avançadas.

Os dois países, separados por 7.000 quilómetros, também se apoiam mutuamente de outras formas. Reuniram-se no Brasil, em Maio de 2023, para uma reunião do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Marrocos. O grupo pretende reforçar o diálogo entre os deputados dos dois países e “promover a parceria cultural, económica e comercial,” segundo o The North Africa Post. O Presidente Tião Medeiros afirmou que os dois países partilham os mesmos valores democráticos e posições sobre questões de interesse comum, incluindo o desenvolvimento sustentável, a luta contra o racismo, as alterações climáticas e a promoção da paz e da segurança regionais e internacionais.

Um membro da Força Aérea Real Marroquina desembarca depois de aterrar numa base aérea em Ben Guerir, Marrocos, durante um exercício militar do Leão Africano. AFP/GETTY IMAGES



ZIMBABWE RECORRE À NIGÉRIA PARA OBTER AJUDA COM A FORÇA AÉREA

DEFENCEWEB

O comandante da Força Aérea do Zimbabwe deslocou-se à Nigéria para pedir assistência técnica ao seu homólogo, nomeadamente na operação e manutenção de caças e helicópteros.

A Força Aérea Nigeriana (NAF) informou que o Marechal do Ar, Elson Moyo, comandante da Força Aérea do Zimbabwe, visitou o então Chefe do Estado-Maior da NAF, Marechal do Ar, Oladayo Amao, na sede da NAF, em Março de 2023.

Moyo afirmou que pretende prestar assistência técnica nos domínios da investigação e desenvolvimento, da tecnologia dos drones e da operação e manutenção de aeronaves. As áreas de colaboração identificadas, de acordo com Moyo, são de interesse comum para o Zimbabwe e a Nigéria, visto que as suas forças aéreas operam aeronaves semelhantes.

O chefe da Força Aérea do Zimbabwe referiu que a Força Aérea Nigeriana registou, num curto espaço de tempo, “feitos notáveis” no seu esforço de transformação para desenvolver a capacidade interna. Isso, disse ele, constitui uma motivação para a Força Aérea do Zimbabwe olhar para dentro como parte dos esforços para enfrentar os seus desafios técnicos.

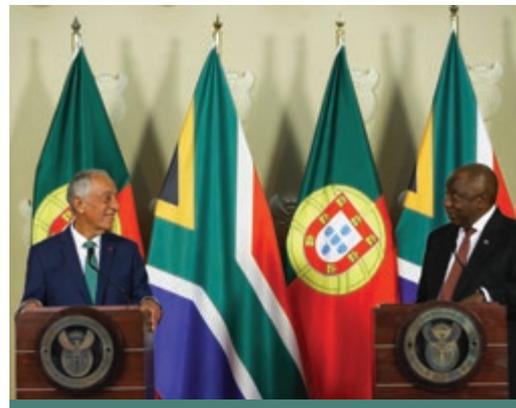
Moyo elogiou a NAF pelo seu apoio no passado, incluindo a formação dada ao primeiro lote de pilotos zimbabwianos na década de 1980, o que, segundo ele, influenciou a decisão de procurar colaboração com a NAF no que diz respeito ao desenvolvimento de capacidades.

Amao afirmou que a NAF está pronta a estabelecer uma parceria mutuamente benéfica com a Força Aérea do Zimbabwe. Afirmou que a NAF tem parcerias com outros países africanos. Uma melhor cooperação entre os países africanos é a solução para muitos dos desafios, incluindo a segurança, que o continente enfrenta, acrescentou.

Um helicóptero da Força Aérea Nigeriana exhibe a bandeira nacional durante a celebração do Dia da Independência, em Abuja. AFP/GETTY IMAGES

África do Sul e Portugal ASSINAM UM ACORDO DE DEFESA

DEFENCEWEB



Um acordo assinado em Pretória, África do Sul, promete reforçar a cooperação em matéria de defesa entre Portugal e a África do Sul.

O Presidente de Portugal, Marcelo de Sousa, encontrou-se com o Presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, no âmbito de uma visita de Estado do líder do país mediterrânico, em Junho de 2023. Os dois dirigentes comprometeram-se igualmente a cooperar nos domínios da ciência e inovação, da educação e da energia.

Ramaphosa disse que Portugal e África do Sul “querem aprender um com o outro,” uma vez que ambos estão envolvidos na manutenção da paz.

“Por muito que haja um conflito noutra parte do mundo, isso não significa que devamos ser dissuadidos de celebrar acordos que nos aproximem e cooperem mais eficazmente,” disse Ramaphosa, segundo a agência SANews. “Este acordo é um grande sinal para os dois países.”

A visita de de Sousa coincidiu com a chegada do submarino da Marinha Portuguesa, NRP Arpão, à Cidade do Cabo, juntamente com o navio-patrolha NRP Setúbal.

O Presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, à direita, e o Presidente de Portugal, Marcelo de Sousa, dão uma conferência de imprensa conjunta em Pretória.

AFP/GETTY IMAGES

EWUARE, O GRANDE

EQUIPA DA ADF

De acordo com as histórias orais transmitidas pelos griots, ou contadores de histórias, o maior rei do Reino do Benin conquistou o seu trono, utilizando poderes mágicos que um leão lhe deu por ter retirado um espinho da sua pata.

A magia tem um papel importante em qualquer narrativa da história de Ewuare, o Grande, mas ele era um homem real com feitos reais que os historiadores documentaram.

Ewuare governou o reino, no que é actualmente parte do sul da Nigéria, de 1440 a 1473. Foi o primeiro oba, ou rei, poderoso, em virtude de ter retirado a autoridade aos uzama, um grupo de chefes que era responsável pela nomeação de cada oba. Ewuare estabeleceu uma monarquia hereditária, em que o filho mais velho era o primeiro na linha de sucessão.

Ao longo da história, acreditava-se que quando os homens se tornavam obas, tornavam-se seres divinos. Embora as suas mães fossem veneradas e tivessem poderes próprios, nunca mais lhes era permitido voltar a ver os seus filhos.

Ewuare nasceu como o Príncipe Ogun, o terceiro filho do Oba Ohen. Vinte e cinco anos depois de ter subido ao trono, o seu pai ficou paralisado de ambas as pernas e foi apedrejado até à morte, porque o seu estado significava, segundo uma história, que tinha perdido os seus poderes divinos. O uzama permitiu que o filho de Ohen, Uwaiokun, assumisse o trono. Ogun viajou para a cidade de Benin, a capital, e derrubou o seu irmão num golpe de Estado – supostamente utilizando a magia do leão. Ogun matou o irmão e incendiou grande parte da cidade no processo. Ao reconstruir a cidade que tinha destruído, Ogun adoptou o nome de Ewuare, que significa “O problema acabou.”

Ewuare entrou para a história como um conquistador, apoderando-se de cidades e vilas da região para expandir o seu império, tornando-o num dos maiores da África Ocidental. Liderou pessoalmente o seu exército em muitas das campanhas. Nas cidades que conquistou, substituiu os governantes por chefes aliados, criados no seio da sua burocracia. Uma história oral diz que ele teve 201 vitórias.

Ao expandir o seu império, introduziu uma estrutura no sistema político, melhorou o comércio e promoveu a arte, especialmente a fundição em bronze, uma assinatura do reino. Protegeu a cidade com muralhas e fossos. Diz-se que a cidade tinha nove portas e grandes avenidas, com áreas específicas para diferentes tipos de artesanato, incluindo o marfim e a escultura em madeira. Convidou artesãos para irem viver para a sua cidade.

Os arqueólogos estimam agora que havia 15 quilómetros de muralhas à volta da cidade e um sistema de 16.000 quilómetros de valas espalhadas pelo reino, talvez marcando os territórios de aldeias e cidades individuais.



O título de “oba” no Reino do Benin era transmitido ao filho primogénito de cada rei sucessivo. Cada novo rei tinha de comemorar a morte do seu pai com um busto fundido em bronze e colocado num altar no palácio.

Ewuare estabeleceu um governo de Eghabho n’ore, ou chefes de cidade, e Eghabho n’ogbe, ou chefes de palácio. Os seus chefes dependiam directamente dele e eram responsáveis pela resolução de questões jurídicas e pela cobrança de tributos. Incentivou os membros de famílias nobres a trabalharem no seu palácio a troco de salários simbólicos, como forma de aprenderem a tornar-se administradores.

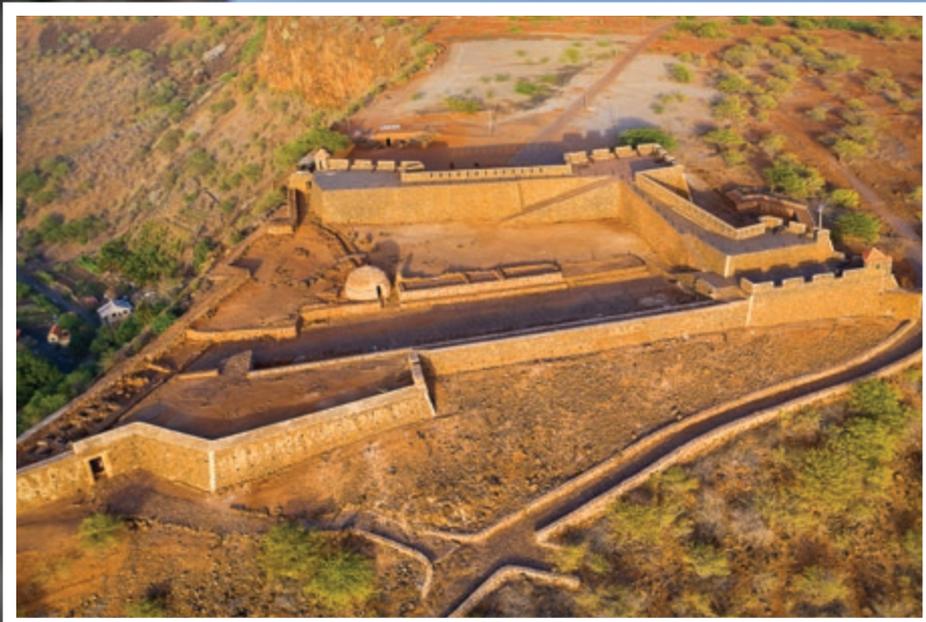
Ewuare enviou o seu filho mais velho, Kuoboyuwa, para governar uma parte do reino conhecida como Iken, e enviou o seu segundo filho, Ezuwarha, para governar uma outra região chamada Iyowa. Os irmãos tornaram-se rivais e acabaram por se envenenar um ao outro. Diz-se que Ewuare ficou perturbado com a perda dos seus filhos e promulgou uma lei que proibia o sexo no reino durante três anos. Isso levou muitos membros do seu reino a emigrarem para outras áreas. Acabou por anular a sua própria lei.

A história recorda-o agora como Ewuare, o Grande, e o seu maior legado é a tradição das fundições em bronze e outras artes. Talvez as suas obras de arte mais conhecidas sejam os bustos de bronze – na verdade, de latão – que cada oba encomendou ao seu antecessor antes de assumir o trono. Ewuare iniciou essa tradição e é também conhecido como Ewuare, o Rei do Bronze.

Pouco se sabe sobre a forma como Ewuare morreu. O seu primeiro filho foi assassinado e outro filho governou o reino durante um curto período antes de ser derrubado pelo uzama. O seu terceiro filho, Ozolua, tornou-se oba por volta de 1483 e governou até 1514.

O reino perdurou cerca de 400 anos, incluindo a primeira visita de exploradores europeus, em 1485. Teve períodos de negligência e de má governação, mas recuperou sempre até 1899, altura em que entrou em colapso sob o peso da agressão britânica. Nesse colapso, os saqueadores europeus roubaram grande parte das obras de arte do reino, incluindo os bustos de bronze dos seus obas. Essa obra de arte está actualmente exposta em museus de todo o mundo.

Actualmente, existe um movimento para devolver as obras de arte à Nigéria. Muitos, se não a maioria, dos museus dizem que vão cooperar para que as peças de valor inestimável possam ser expostas nos museus nigerianos.



DICAS

- 1** Este Património Mundial da UNESCO é uma das Sete Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo.
- 2** O seu porto foi ponto de paragem dos exploradores Vasco da Gama, em 1497, a caminho da Índia, e Cristóvão Colombo, em 1498, na sua terceira viagem às Américas.
- 3** A sua posição no cruzamento de civilizações deu origem à primeira sociedade crioula mestiça de pleno direito.
- 4** Outrora um importante porto do comércio de escravos, preservou um “monumento ao pelourinho” que comemora esta triste história.



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



Está ansioso pela próxima edição?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões de actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de e-mails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com